



Perdidos e achados

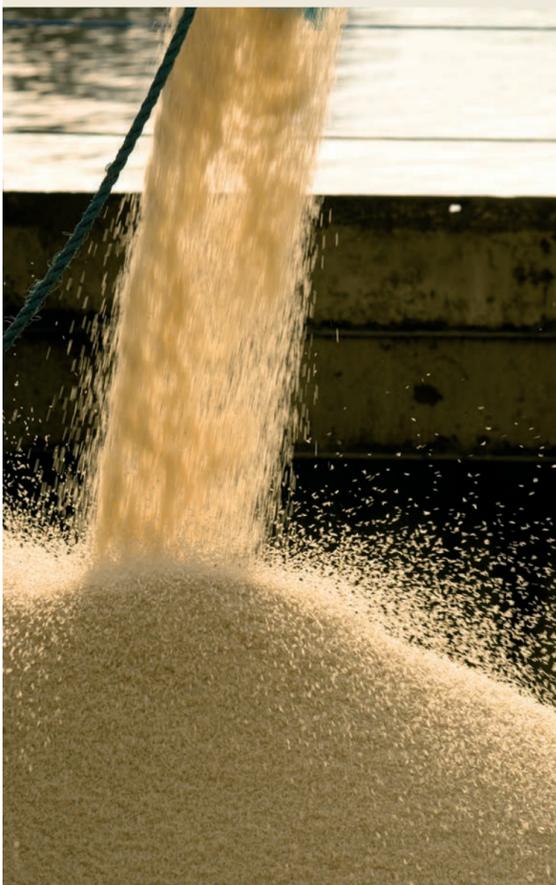
Documentos da Comissão Especial de Investigação da UFRGS, instaurada durante o regime militar, são localizados no acervo do professor da Faculdade de Filosofia Laudelino Teixeira de Medeiros, falecido em 1999.

Página Central

AGRICULTURA

Arroz de laboratório

A Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) está rediscutindo a aprovação comercial do arroz LibertyLink, modificado geneticamente pela multinacional Bayer CropScience. Em 2009, a Comissão já havia debatido a comercialização do produto, mas órgãos como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), a Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (Farsul), o Instituto Riograndense do Arroz (Irga) e a Federação das Associações de Arrozeiros do RS (Federarroz) rejeitaram a espécie por temer que ela prejudique a exportação nacional. Os ambientalistas a veem como uma ameaça à biodiversidade, pois entendem que é impossível controlar a disseminação da variedade transgênica em plantas convencionais. O herbicida usado no arroz da Bayer já foi banido do continente europeu, mas aqui ele é amplamente utilizado no cultivo de milho e algodão geneticamente modificados pela mesma empresa. Em breve, ele pode estar presente também no cereal mais usado na culinária brasileira. **P5**



ÁFRICA DO SUL

20 anos sem apartheid

Superar o quadro de desigualdade social gerado pelo antigo regime de segregação tem sido o grande desafio para a África do Sul nas últimas duas décadas. Políticas promovidas desde a chegada de Nelson Mandela ao poder, em 1994, trouxeram melhorias para os bairros pobres e possibilitaram a ascensão social de uma parcela dos negros. No entanto, muitas pessoas ainda estão desempregadas e vivem em condições de pobreza. A lentidão das mudanças provoca insatisfação em alguns grupos. Episódios recentes de conflito ganharam destaque na mídia internacional, que chegou a sugerir o retorno das antigas tensões raciais. Porém, especialistas avaliam que os problemas têm origem socioeconômica. **P10**

PSICOTERAPIA

Tratamento para solução de conflitos

Os tratamentos psicoterápicos costumam ajudar pacientes a administrar seus conflitos e a encarar questões que não lhes eram conscientes. No entanto, especialistas como a professora do Instituto de Psicologia da Universidade, Sandra Torossian, afirmam que a terapia não pode durar para sempre e que, mesmo sendo uma relação que envolve afeto, sabe-se que vai acabar. Já a psicóloga Mary Georgina ressalta que, embora a aplicação psicoterápica tenha começado em uma elite cultural, hoje se dissemina por todas as camadas sociais. **P11**



ENSINO

Iniciativa do Colégio de Aplicação redimensiona aprendizado de idiomas

Página 7

CONFERÊNCIAS UFRGS

Futebol e identidade brasileira: das origens elitistas a esporte de massas

Página 4

LIVROS

Lançamento do iPad divide opiniões no mercado editorial

Um computador em forma de prancheta eletrônica, com tela sensível ao toque, que além de permitir a leitura de livros eletrônicos dispõe de funções como navegação na web, reprodução de vídeos e edição de documentos. Assim é o iPad, equipamento lançado nos Estados Unidos no início de abril que divide opiniões: de um lado, os entusiastas do novo aparato eletrônico; de outro, os desconfiados, que o consideram uma ameaça ao livro tradicional. A professora do Departamento de Comunicação Ana Gruzinski acredita que o problema é o fato de estarmos experimentando a transformação simultânea da técnica, da forma de suporte e da prática de leitura a um só tempo. Já o historiador Aníbal Bragança, da Universidade Federal Fluminense, acha que, dependendo do sucesso que possam ter os leitores eletrônicos, a questão se deslocará para a disputa pelo fornecimento de conteúdos, o que poderá contribuir para novas transformações no mercado. **P12**



Espaço da Reitoria

Carlos Alexandre Netto
Reitor

Novos horizontes

Originalmente concebida como guardiã do saber, a universidade contemporânea evoluiu para transformar-se em instituição que abriga todos os processos de concepção, criação, aplicação e extensão do conhecimento. Há muito deixou para trás seus limites físicos, integrando-se com a comunidade, e hoje busca a internacionalização acadêmica. Vencer as fronteiras, quaisquer que sejam, mantendo a identidade e a qualidade, é o desafio da academia no mundo globalizado. Vejamos alguns exemplos recentes.

O II Encontro de Reitores do Universia, realizado em Guadalajara, no México, no início deste mês, reuniu mais de mil dirigentes de universidades da Ibero-América para discutir a constituição de um espaço ibero-americano do conhecimento socialmente responsável. Com a participação de cerca de 150 reitores de universidades públicas, comunitárias,

confessionais e privadas brasileiras, coube à UFRGS a responsabilidade de presidir a mesa sobre Internacionalização Acadêmica. A agenda celebrada definiu propostas concretas em termos de mobilidade acadêmica, constituição de redes de pesquisa, sistemas de acreditação de qualidade e a criação de redes de pesquisa.

Também participamos da Expo-Shanghai, a convite da prefeitura de Porto Alegre. Brasil e China estão buscando ampliar a sua rede de cooperação internacional para outros países e regiões, com destaque para as ações de cooperação no campo educacional, como a mobilidade de professores e alunos, e o ensino das línguas chinesa e portuguesa. A UFRGS já recebe anualmente cerca de 30 alunos da Universidade de Comunicação da China (UCC) e, pelo segundo ano, está enviando um grupo de alunos à UCC para estudar mandarim. Um convênio com

a Universidade de Harbin será assinado com o mesmo propósito de mobilidade acadêmica.

A UFRGS estará novamente representando o país, no final de junho, em missão à Irlanda com o objetivo de estabelecer um modelo de diplomacia cultural e educativa. Outras sete instituições brasileiras integram a delegação que irá visitar universidades e institutos que se destacam em áreas estratégicas, bem como em inovação e desenvolvimento de tecnologia.

Ao definir novas oportunidades e parcerias, a UFRGS avança a linha do horizonte acadêmico e contribui para a expansão do espaço do conhecimento – espaço decisivo para a consolidação da educação, formação, pesquisa e transferência de conhecimento e inovação para o desenvolvimento sustentável e o bem-estar da sociedade.

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS | CEP 91046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Carlos Alexandre Netto
Vice-reitor
Rui Vicente Oppermann
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
Flávio Porcello

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497

Conselho Editorial
Cassiano Kuchembecker Rosing, Cesar Zen Vasconcelos, Dalro José Nunes, Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Flávio Porcello, Maria Heloisa Lenz, Maria Henriqueta Luce Kruse, Ricardo Schneiders e Rudimar Baldissera

Editora-chefe
Ánia Chala
Repórteres
Caroline da Silva e Jacira Cabral da Silveira
Projeto gráfico
Juliano Brunl Pereira
Diagramação
Alistão Pinheiro
Fotografia
Cáudio Andrade, Flávio Dutra e Martina Morsch
Revisão
Antônio Falcetta
Bolsistas
Arlene Fagundes, Carlos Eduardo Caldas de Souza, Diego Mandarino, Maria Elisa Lisboa e Natália Blumberg
Circulação
Márcia Fumagalli
Fotolitos e impressão
Gráfica da UFRGS
Tiragem 12 mil exemplares

Mural do leitor

jornal@ufrgs.br

Memória da UFRGS

ACERVO DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF-UFRGS

Amordaçaremos também a emoção?

As novas regras para as cerimônias de formatura na UFRGS, implantadas para que esses eventos sejam menos entediados e cansativos, é um bom motivo para reflexão. Em janeiro deste ano, formei-me nesta Instituição de ensino. Nos meses anteriores, tive de decidir sobre a forma como gostaria de me formar, se em gabinete, num ritual rápido, particular e sem custos, ou se em uma cerimônia pública com a turma, com uso de toga e tudo o mais. Na época, decidi pela possibilidade de poder emocionar-me, de compartilhar com meus filhos e amigos esse momento tão importante. Foi uma maratona. Prova de togas, escolha de música, oradores, padrinhos... muitas reuniões.

No dia da formatura, uma tarde de sábado de janeiro, chovia a cântaros, e mesmo assim centenas de pessoas lotaram o Salão de Atos. Trocar isso por uma cerimônia 'mais enxuta', 'menos enfadonha', etc., na qual, como disse uma das pessoas entrevistadas (ZH 17/05/10), o vídeo deve mesmo substituir a fala dos formandos porque 'é melhor para todos', pois 'o pessoal vai prestar mais atenção é à tela', parece – desculpem – uma tentativa de amordçar sentimentos, de calar a emoção. Ou, muito pior, de proibir que outros expressem aquilo que alguns têm dificuldade. Para esses já existe solução: a formatura em gabinete.

Numa sociedade em que temos muitas dificuldades para reconhecer e manter rituais, me parece que a regra nova mais que regular acaba por se desregular. Desregula uma construção grandiosa, demorada, bonita, viva, em que o cansaço pode não ser fardo e valer muito a pena. Rapidez e consumo instantâneo são os únicos indicativos possíveis de qualidade, de beleza? Reitor, não será possível repensar a mudança, regulando-se os tempos, mas não amordçando a emoção?

José Carlos Sturza de Moraes, bacharel em Ciências Sociais/UFRGS



1924

Seleção da Espanha que participou dos Jogos Olímpicos de Paris

Artigo

Homenagem póstuma a Raymond Pebayle

Em 11 de maio deste ano, faleceu o professor Raymond Pebayle, em Cannes, França. Mas quem foi esse geógrafo cuja paixão pelo Brasil, em especial pelo Rio Grande do Sul, acompanhou sua vida de docente e pesquisador?

Raymond Pebayle nasceu na cidade de Mios, na Goranda. Fez seus estudos em Besançon, Dijon/Aix-en-Provence e Paris. Exerceu suas atividades em Caen, Bordeaux e Poitiers.

Em março de 1961, aos 28 anos, veio a Porto Alegre como professor da Missão Universitária Francesa para desenvolver sua tese de doutorado. Os sujeitos da sua pesquisa foram os agricultores e os criadores de gado, destacando o significado dessa dicotomia do setor rural e os pontos de entrelaçamento entre esses dois elementos que marcam a paisagem sul-rio-grandense. Sua tese "Eleveurs e agriculteurs du Rio Grande do

Sul, Brésil" – sem tradução para o português –, contém elementos fundamentais para a compreensão do espaço agrário gaúcho, da paisagem delineada e construída a partir de atividades distintas de pequenos e grandes produtores, de extensas propriedades com criação de gado e de propriedades pequenas e médias com agricultura comercial e/ou de subsistência.

Pebayle dedicou-se à formação de geógrafos e professores, ministrando aulas no curso de Geografia da UFRGS, onde criou a disciplina de Geografia Regional. Passou pelo estado da Paraíba, atuando como coordenador do estudo que marcou o acordo entre a UFPA e o Centro de Pesquisa em Geografia Tropical de Bordeaux, tratando das questões geográficas e ecológicas daquele estado, com a participação de pesquisadores brasileiros e franceses.

Sua dedicação à pesquisa sobre o Brasil se expressa em toda sua obra registrada em livros, revistas nacionais e internacionais, o que marca a sua passagem pelas universidades brasileiras e pelo IBGE.

Publicou o livro "Le Brésil", da coleção Que sais-je?, que mereceu várias edições em diferentes línguas. Em 1989, recebeu na França uma premiação por sua obra "Les Brésiliens, pionniers et batisseurs", lançada pela editora Flammarion.

Em 1991, retornou ao Brasil para participar de um evento que se realizava em Santana do Livramento. Dois anos mais tarde, integrou o corpo docente do Curso de Especialização em Geografia Ambiental de nossa Universidade, quando começamos a conversação sobre o doutoramento. Tornei-me sua primeira e única orientanda brasileira e foi em Poitiers que aprendi sua paixão pelo nosso país.

Em 1995, Pebayle voltou à UFRGS como professor convidado no curso de especialização. Fomos aos municípios de Erechim, Tenente Portela e Santa Rosa fazer trabalho de campo. Na ocasião, afirmou que "não se faz Geografia sem se fazer pesquisa de campo e sem fazer amigos, pois em cada lugar que o pesquisador chega ele faz e deixará amigos".

Ao professor, nosso reconhecimento, nossa gratidão pela Geografia que nos legou, mas sobretudo pelo amigo e conselheiro que foi. Os amigos que aqui fez com tristeza lamentam a sua partida, mas ficam com a certeza de que sua passagem deixou marcas na Geografia.

Rosa Maria Vieira Medeiros

Professora do departamento de Geografia do Instituto de Geociências-UFRGS



CONCURSO

Ideias para a revitalização dos espaços de convivência

O projeto de extensão Revitalização dos Espaços de Convivência do Câmpus da UFRGS: Mobiliários lançou o edital de um concurso visando à seleção de projetos para espaços de convívio do Câmpus Centro. O objetivo é apresentar propostas de mobiliários de uso coletivo para seis áreas definidas: fundos do prédio da Rádio da Universidade, lateral da Faculdade de Arquitetura, calçada junto ao Bar do Antonio (em frente à livraria Zouk), espaço ao lado do Museu Universitário, largo defronte ao Cinema Universitário e espaço ao lado da Prefeitura do Câmpus Centro. Segundo o edital, um mobiliário pode ser desde um simples aparador de livros fixo a uma parede até mesas e bancos.

A iniciativa partiu dos estudantes do Centro Acadêmico Tasso Corrêa do Instituto de Artes da Universidade e tem a coordenação de Claudia Vicari Zanatta, professora que desenvolve projeto sobre arte em espaços públicos e privados.

Alunos, professores e técnicos podem participar, colocando todo seu talento, criatividade e imaginação para transformar os espaços cinzentos e vazios do Câmpus Centro em locais de agradável convívio. Não existem regras de estilo e técnicas, apenas a preocupação de que os projetos levem em consideração o uso de materiais resistentes à intempérie, pois as propostas selecionadas, se implementadas, serão de uso permanente da comunidade acadêmica.

Claudia observa que na Universidade os espaços de convívio estão reduzidos aos bares e que estes na verdade são espaços de consumo, nos quais as atividades de lazer ficam limitadas. "Quanto aos recantos ao ar livre, notamos que eles estão pouco



Área atrás do prédio da Rádio da Universidade é um dos espaços a serem revitalizados

a pouco sendo tomados pelos carros." A professora esclarece que a seleção das propostas não implica a obrigatoriedade de instalação dos equipamentos por parte da Superintendência de Infraestrutura da UFRGS.

No entanto, a partir da seleção, os projetos serão encaminhados aos órgãos competentes da Univer-

sidade, que buscará viabilizar a sua implementação.

Os interessados devem preencher o formulário que pode ser acessado no blog do projeto <http://projotomobiliarios.blogspot.com/>, encaminhando o material até 30 de setembro. As propostas serão avaliadas por um comitê que vai selecionar os seis melhores trabalhos.



UFRGS TV

Nupacs

Conjugando saberes por uma medicina humanizada

Neste mês, a UFRGS TV apresenta um programa sobre o Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde da UFRGS (Nupacs), grupo interdisciplinar fundado em 1989 por Olinda Fachel Leal e coordenado atualmente por Daniela Riva Knauth. Entre seus pesquisadores há profissionais de áreas como Medicina, Psicologia, Antropologia, Sociologia, Farmácia, Estatística.

A antropologia do corpo e da saúde é uma vertente europeia do estudo antropológico da medicina que atenta para as diferenças na experiência do corpo e da saúde em populações diversas. Segundo a doutoranda Juliana Macedo, certas comunidades têm doenças puramente culturais que podem inclusive ser causa de morte, a exemplo da "doença do susto" mexicana, da "morte por fantasma" de tribos indígenas americanas e da brasileira "doença dos nervos". A atuação da medicina antropológica já fez com que muitos desses distúrbios fossem catalogados em manuais de diagnóstico como doenças legítimas.

Mas a antropologia do corpo e da saúde vai ainda mais longe: no Nupacs a pesquisa se articula aos movimentos sociais e a ONGs e apresenta seus resultados a médicos e gestores hospitalares, na busca de uma medicina mais adequada às necessidades do paciente. Além disso, pesquisas do Núcleo relacionadas à homoparentalidade e aos direitos parentais de homossexuais, travestis e transexuais já foram utilizadas por juizes brasileiros como argumento em prol da defesa judicial da adoção por casais homossexuais.

Esse tipo de resultado reforça as preocupações do Nupacs com a aplicação dos seus estudos e pesquisas. "Não nos interessa produzir somente dissertações, teses ou mesmo livros, fazer pesquisas que sirvam apenas para a área acadêmica. A gente sempre teve a preocupação de divulgar os resultados e de buscar formas para fazer com que as pessoas que estão lá na ponta dos serviços de saúde possam melhorar suas práticas, possam ter uma relação mais adequada com a população", enfatiza Daniela Knauth.

Luiza Monteiro, estudante do 3.º semestre de Jornalismo da Fabico

Assista aos programas

Para conhecer mais o Nupacs, pioneiro nos estudos de Antropologia do Corpo e da Saúde no Brasil, assista ao programa Conhecendo a UFRGS, que vai ao ar no dia 29 de junho, a partir das 21h30min, pela UNITV, canal 15 da NET POA.



ACERVO FOTOS HISTÓRICAS DO IA

MEMÓRIA

Projeto do IA pede apoio à comunidade

O Projeto de Revitalização do Acervo Fotográfico do Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS solicita aos professores, ex-alunos e funcionários que contribuam com dados e informações que possam subsidiar a identificação de pessoas e eventos registrados em fotografias datadas do período de 1908 a 1962. Em desenvolvimento desde outubro do ano passado, o projeto prevê a construção de um site para o arquivo, a digitalização do acervo fotográfico e a exposição pública do material já identificado. O acervo objeto desta iniciativa está disponível no endereço <http://www.ufrgs.br/artes/arquivo>. Quem souber o nome das pessoas ou dos eventos registrados nas fotos pode enviar as informações para a arquivista do Instituto, Medianeira Pereira Goulart, pelos e-mails medianeira.pereira@ufrgs.br e ahia@ufrgs.br.

Prevenção

UFRGS promove congresso internacional sobre crack e outras drogas

De 7 a 9 de julho, a Universidade e a Associação do Ministério do Rio Grande do Sul irão realizar o I Congresso Internacional Crack e Outras Drogas: um debate social que se impõe. O encontro, que tem o apoio da RBS, terá lugar no Salão de Atos da Universidade e contará com a participação de especialistas do México, da Argentina e do Brasil.

Entre os convidados do evento, o diretor do Centro de Estudo e Análise em Convivência e Segurança Cidadã da Colômbia, Rubén Darío Ramírez, que falará sobre a experiência da

prefeitura de Bogotá na criação de estratégias de enfrentamento à droga; Ricardo Sanchez Huesca, diretor de Investigação e Ensino do Centro de Integração Juvenil, associação vinculada ao Ministério da Saúde do México; e Eduardo Kalina, diretor médico do Brain Center, de Buenos Aires.

Ao final dos trabalhos será redigida a Carta de Porto Alegre, com sugestões dos debatedores sobre as áreas que envolvem o problema. Inscrições e outras informações pelo site www.conicrack.com.br

Apoio ao estudante

Núcleo da Psicologia oferece serviços

Alunos de graduação e pós-graduação da Universidade têm no Núcleo de Apoio ao Estudante da UFRGS (NAE) a oportunidade de realizar atividades voltadas ao desenvolvimento e planejamento de sua carreira acadêmica. O NAE funciona junto ao Instituto de Psicologia, oferecendo atendimento individual e oficinas com temas específicos, além de auxiliar na adaptação do estudante à Universidade. Mais informações pelo telefone 3308-5310.

Chamada de trabalhos

Seminário Nacional de Ciência Política

O Programa de Pós-graduação em Ciência Política da Universidade receberá até 12 de julho propostas de trabalho a serem apresentadas durante o evento "Participação e Representação em Debate: III Seminário Nacional de Ciência Política da UFRGS". O encontro, que será realizado de 22 a 24 de setembro no auditório do Instituto Latino-americano de Estudos Avançados, no Câmpus do Vale, terá entre os palestrantes convidados os professores: Raúl Bernal-Meza (Universidad Nacional de Cuyo), Carlos Aurélio Pimenta de Faria (PUC Minas), Henrique Altemani (PUC São Paulo) e Letícia Pinheiro (PUC Rio). Mais informações no site <http://www.ufrgs.br/sncp> ou pelo telefone 3308-6230.



GIZELLE FERREIRA/REPRODUÇÃO



O Brasil na Copa: Futebol e Identidade

Cesar Augusto Barcellos Guazzelli *

O Brasil é o país do futebol? Argentinos e uruguaios acham que não! O Brasil inventou o futebol-arte? Também aqui argentinos e uruguaios respondem negativamente! Foi no Brasil que os negros e pobres pioneiramente se apropriaram de um *sport* das elites? Aqui os uruguaios defenderiam essa precocidade! Essas e outras questões podem ser discutidas em torno de uma presumível identidade dos brasileiros com o futebol, especialmente durante as Copas do Mundo.

Outras questões estão associadas a essas perguntas. Primeiramente, a longa trajetória que levou um esporte das elites para outros espaços, onde assumiu diferentes significados sociais. Sua simplicidade favoreceu essa expansão, sendo praticado em quaisquer lugares relativamente planos e com quaisquer objetos relativamente esféricos. As camadas populares, formando associações em bairros, fábricas, nos seus próprios clubes e ligas, paulatinamente penetravam no mundo dos bem-nascidos, provocando-lhes repulsa ao longo das primeiras décadas do século XX.

A grande discussão entre a manutenção do amadorismo e a adoção do profissionalismo refletia isso. Não por coincidência, foi apenas a partir da Revolução de 30 que os programas de inclusão de massas também se fizeram acompanhar pela popularização do futebol. Com a incorporação da população trabalhadora, dos pobres, negros e mulatos, cresceu a presença de público nas praças de jogo, e o futebol se tornaria um fenômeno de massa no Brasil, como já ocorrera em outros lugares. E foi o futebol profissional praticado nos clubes que gerou condições para que o país, a partir da Copa de 1938, se tornasse um dos protagonistas em disputas internacionais, no caminho já trilhado pelos vizinhos Argentina e Uruguai. No Brasil, o futebol também se constituiu um fenômeno social situado além das consciências dos indivíduos, o que também se relacionou com a transição que sofreu de um modismo das elites para um esporte de massas que caiu no gosto popular.

Resultado de condicionamentos presentes desde as primeiras etapas de sua existência, o futebol passou a ter influência poderosa sobre os

comportamentos individuais e coletivos. Nesse sentido, é pertinente atribuir ao futebol o papel de “mediar” conflitos sociais que eventualmente poderiam ser explosivos. O esporte entraria aqui no rol de tantas outras atividades que, em algum tempo, foram taxadas de “opio do povo”. Por outro lado, muitas vezes se torna uma forma possível de resistência quando outras práticas fracassam.

Outro aspecto são as noções de pertencimento e identidade a ele relacionadas, especialmente aquelas referentes ao Estado nacional. A preocupação das autoridades brasileiras em relação ao esporte se tornou mais efetiva após a Revolução de 30, especialmente depois da implantação do Estado Novo. Como em outros lugares, a representação nacional era projetada no selecionado, o que lhe conferia também uma projeção dos destinos de todos. No futebol se expressariam simbolicamente as guerras, incluindo uma linguagem que é derivada dos campos de batalha: ataque, defesa, meta, tiro, artilheiro, são algumas entre tantas expressões militares. Nessas disputas, as representações nacionais são aquelas que calam mais

fundo, e as imagens das nações são transferidas a atletas, camisetas e cores de entidades que são privadas – e que visam lucro e estão concatenadas por interesses do capital internacional, que mais e mais trata o futebol como uma mercadoria cada vez mais exclusiva.

Ao que parece, os espaços para o grande público vão sendo paulatinamente restringidos aos que têm poder econômico para bancar os altos preços das praças esportivas e mesmo as transmissões televisivas dos canais pagos. Os atletas já não estão mais presentes nos clubes nacionais, transferindo-se para as grandes associações esportivas da Europa e de outros países.

O Brasil é ainda uma “pátria em chuteiras” ou está, como nossos eternos rivais argentinos e uruguaios, vendo o início de um processo de retorno do futebol às suas origens elitistas, trazidas dos gramados ingleses?

* Professor-associado do Departamento de História e do PPG em História da UFRGS, ministra a disciplina História Social do Futebol.

UFRGS “100%” Livre de Tabaco

Dr. Alexander W. Daudt *

A propósito da data de 31 de maio, Dia Internacional de Controle ao Tabagismo, é oportuno lembrar os seguintes fatos.

O tabaco é a segunda maior causa de óbito no mundo, ocasionando a morte de um em cada 10 adultos – aproximadamente 5 milhões por ano. Se as atuais taxas de consumo se mantiverem, é previsto que haja 1 bilhão de vítimas até o final deste século. Conforme a Organização Mundial de Saúde, tais mortes se darão principalmente nos países em desenvolvimento, acometendo mais de 500 milhões dos fumantes vivos atualmente.

Metade a dois terços dos fumantes regulares de cigarros virão a falecer em consequência de sua adição, sendo que um quarto deles precocemente, durante a meia idade. Em média, comparados aos não fumantes, os fumantes morrem 10 anos mais cedo.

Estima-se que, em 2020, os principais fatores de risco à saúde serão: o comportamento sexual, particularmente devido ao HIV/SIDA; e o tabaco, por conta da expansão da indústria do tabaco em países em desenvolvimento e suas consequências tardias à saúde, como o câncer de pulmão.

As meninas e as mulheres representam atualmente o alvo preferencial das práticas sedutoras da indústria do tabaco. Assim, sem estratégias efetivas de controle do tabagismo, calcula-se que 20% das mulheres, cerca de mais de 500 milhões globalmente, serão fumantes no ano 2025 (1).

Um dado emblemático da tragédia promovida pela indústria do fumo é o aumento de cerca de 300% e 150% de mortes por câncer de pulmão de mulheres e homens, respectivamente, no RS nos últimos 20 anos.

Além do câncer, o tabagismo é o principal fator de risco das doenças cardiovasculares e respiratórias crônicas. Ele é considerado uma forma de doença cerebral crônica recorrente, caracterizada por um tipo de adição química tão ou mais severa que aquela decorrente do uso da cocaína.

Por essas razões, é a primeira causa evitável de morbidade e mortalidade em nosso meio. Portanto, seu controle significa hoje um indicador essencial da qualidade dos serviços prestados à comunidade, assim como uma responsabilidade legal do empregador.

A partir da recente criação de um comitê

institucional e interdisciplinar na Universidade, estão sendo organizadas estratégias de controle do tabagismo, em especial quanto ao fumo passivo e à cessação do fumo, conforme literatura médica (2, 3).

Cerca de duas em cada 10 pessoas na UFRGS relatam exposição ao fumo passivo. Mais importante, entre os expostos, 50% ou mais têm exposições diárias maiores que 3 horas no trabalho e/ou em casa.

O fumo passivo é considerado a primeira causa de morte no trabalho depois do tabagismo ativo e do alcoolismo. Os riscos à saúde do tabagismo passivo incluem câncer de pulmão, infarto do miocárdio, exacerbação de asma brônquica e morte súbita do recém-nascido.

Como não existe nível de concentração seguro da fumaça do tabaco no ambiente ou sistema de ventilação eficiente, a única estratégia efetiva de proteção à saúde consiste em transformar o ambiente de trabalho em área totalmente livre da fumaça do tabaco (4).

Assim, como um passo inicial do projeto “UFRGS totalmente livre da fumaça de tabaco”,

estamos iniciando, a partir da reitoria, uma ação continuada quanto ao tabagismo passivo. É importante ressaltar que o propósito da ação é educacional e visa à saúde coletiva. Ao mesmo tempo, será oferecido apoio a todos os fumantes que desejarem cessar o consumo de cigarros.

Contando com a colaboração de todos, sugestões e dúvidas podem ser encaminhadas ao Departamento de Atenção à Saúde pelo telefone 3321-3106.

* Coordenador do Programa VIVA MAIS DAS/PROGESP

Referências

1. Daudt AW; Aspectos epidemiológicos do tabagismo In Tabagismo – E seu tratamento, – Guilherme Rubino de Azevedo Focchi, André Malbergier e Montezuma Pimenta Ferreira. São Paulo : Lemos Editorial, 2006.
2. Fiore M.;USDHHS. Treating tobacco use and dependence. Rockville,MD: Agency for Healthcare Research Quality, 2000.
3. West R, McNeill A, Raw M. Smoking cessation guidelines for health professionals: an update. Thorax 2000; 55:987–999
4. Health Effects of Exposure to Secondhand Smoke, disponível em: <http://www.epa.gov/smokefree/healtheffects.html>



Transgênicos

Brasil pode se tornar o primeiro país do mundo a comercializar arroz criado pela Bayer

No fim de maio, a União Europeia tomou decisão inédita ao permitir que a Ilha da Madeira proibisse o plantio de qualquer cultura transgênica em seu território. Enquanto isso, a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) brasileira re-discutiu a liberação comercial do arroz LibertyLink (LL), criado pela Bayer CropScience. A variedade foi modificada geneticamente para resistir ao herbicida glufosinato de amônio, que é comercializado pela mesma multinacional sob o nome Liberty®.

Em 2009, o glufosinato de amônio foi banido da Europa pela lei de pesticidas, que considerou sua toxicidade um alto risco à saúde das plantas e animais. Aqui, a CTNBio permite seu uso nas lavouras de algodão e milho geneticamente modificados pela Bayer desde 2008. No ano passado, o órgão já havia debatido a comercialização do arroz LL, único produto da linha LibertyLink ainda não aprovado no Brasil. Mas, na ocasião, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), a Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (Farsul), o Instituto Riograndense do Arroz (Irga) e a Federação das Associações de Arrozeiros do Rio Grande do Sul (Federarroz) se opuseram à comercialização.

Apesar do receio dos produtores de que essa variedade não seja bem recebida no mercado externo (o Brasil é um dos dez maiores exportadores do cereal) e da desconfiança de alguns especialistas a respeito de seu impacto na natureza, o arroz LL voltou à pauta no início do ano. O atual presidente da CTNBio, Edilson Paiva, assim que tomou posse, em fevereiro, defendeu a retomada do debate.

Se é Bayer, é bom? – Apesar da simpatia de Paiva, a segurança dessa tecnologia é fortemente questionada. O professor Paulo Brack, do Departamento de Botânica da UFRGS e membro da CTNBio, lembra que o arroz é um grão fundamental no cardápio dos brasileiros, “diferente da soja, que é usada para alimentar o gado”. Ele entende que, caso a variedade LL seja aprovada, o prato de todos nós deverá ser afetado: “Se continuarmos favorecendo a liberação de organismos geneticamente modificados, em poucos anos, de 80% a 90% do nosso arroz será transgênico”, prevê o pesquisador. A causa seria a contaminação através do fluxo gênico, “que se dá quando o pólen de plantas transgênicas transmite

seus genes para plantas convencionais”.

Radical? Alarmista? Foi o que aconteceu em 2006 nos Estados Unidos: plantações experimentais do arroz LL contaminaram milhares de lavouras convencionais nos estados do Missouri, Arkansas, Louisiana, Texas e Mississippi. Por causa disso, Europa e Japão – principais compradores do cereal norte-americano – suspenderam suas importações, provocando queda drástica no preço do grão e prejuízos incalculáveis aos fazendeiros. O episódio foi destaque na imprensa e custou à Bayer mais de US\$ 50 milhões em indenizações, sendo que muitos processos contra a empresa ainda estão sendo julgados.

Questionada sobre a possibilidade do mesmo acontecer por aqui, a Bayer CropScience, pela sua assessoria de comunicação, disse apenas que “a separação de lavouras de arroz é muito simples, pois estudos independentes no Brasil, na Ásia, na Europa e nos Estados Unidos demonstram que a polinização ocorre em até três metros de distância e na frequência de 0,1%”. Porém, muitos pesquisadores contestam esses dados. “O arroz é uma planta de alta polinização. A polinização cruzada pode existir e os grãos de pólen podem atingir centenas de metros ou até quilômetros”, aponta Brack.

A multinacional garante que não há risco, pois “já há no Brasil kits de teste eficazes para, de forma simples e rápida, fazer a análise dos lotes e poder classificar se os mesmos contêm ou não grãos geneticamente modificados”. Mas, segundo Paulo Brack, para garantir isolamento aos produtores que vendem sementes convencionais, não existe mecanismo eficiente capaz de impedir a mistura de grãos. Além disso, boa parte das empresas nacionais de produção de sementes foi comprada por grandes multinacionais nos últimos quinze anos, entre elas

a Bayer. Para ele, a mistura das sementes é usada para permitir a entrada de transgênicos nos países: “Aconteceu no Brasil, em 2003, no caso da soja: constatou-se que a quantidade de soja transgênica era elevada. Ela tinha entrado por contrabando. Depois se criou uma legislação que favoreceu essa soja”, afirma.

Omissão estratégica – A CTNBio já autorizou o cultivo de 21 espécies transgênicas pelo seguinte método: a empresa que patenteou a semente solicita liberação comercial, apresentando dados sobre a suposta segurança do produto. Os 27 membros da Comissão votam por aprovar ou não o pedido, e a decisão é encaminhada ao Conselho Nacional de Biossegurança (CNBS), que dá a palavra final. Mesmo sendo uma instância superior composta por 11 ministros e vinculada à Presidência da República, o CNBS, em geral, só chancela o que a CTNBio debateu.

De acordo com Paulo Brack, o texto que requer licença para o arroz LL apresenta graves lacunas técnicas. “Além do processo não trazer muita informação sobre a possibilidade de fluxo gênico com outras espécies, há uma série de situações que não estão adequadas. Não estão fechando as informações apresentadas com as análises, há problemas de falta de dados na questão do sequenciamento genético e nos próprios testes feitos. Os trabalhos demonstrativos têm falhas, e a parte da análise estatística está bastante ruim. Vamos pedir mais informações, porque os dados que a Bayer apresenta não são suficientes”, revela.

A Bayer CropScience afirma que tem feito pesquisas com o arroz LL desde 1998 em laboratórios, estufas e no campo. “no Brasil e no exterior, dentro dos requerimentos legais e técnicos”: “A monografia

contendo os dados técnicos e científicos pertinentes foi apresentada à CTNBio e estão disponíveis para consulta pública da sociedade, conforme a legislação. Durante a apreciação dessa monografia, as solicitações de esclarecimentos ou complementos que foram feitas pela CTNBio têm sido plenamente atendidas e, da mesma forma, o serão, caso algum outro aspecto necessite ainda de mais esclarecimentos”. Brack conta que não é bem assim: “As empresas entram com pedido de confidencialidade, então a sociedade não tem chance de analisar esses documentos, ficando tudo circunscrito ao grupo da CTNBio”.

??? vs. \$\$\$ – Mesmo grandes produtores, normalmente simpáticos à praticidade dos químicos, refutam o arroz LL. Presidente da Comissão do Arroz da Farsul e também da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Arroz, órgão ligado ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Francisco Schardong afirma: “O setor produtivo é a favor da pesquisa, porém não podemos nem pensar em colocar esse arroz no mercado, devido ao compromisso que temos com nosso mercado comprador. Não podemos pensar só no aspecto tecnológico, temos que considerar as questões comerciais. A muito custo conquistamos um mercado, e a maioria dos países se recusa a importar arroz transgênico”.

Por razões bem diferentes, o pequeno agricultor Marivaldo Riva também espera que a variedade não seja liberada. “O único óleo que eu uso, fora o de oliva, é o de arroz porque ele ainda não é transgênico. Mas, se for liberado, vou deixar de usar também”, conta. Após se contaminar com os produtos químicos que usava, Marivaldo passou a cultivar apenas alimentos orgânicos: “Foi muito importante essa mudança na minha vida. Os venenos são muito mais práticos, mas não pretendo voltar a fazer o que eu fazia. Até pela satisfação que dá vender coisas que a gente sabe que fazem bem às pessoas”.

O site da Bayer CropScience classifica o herbicida Liberty® como extremamente tóxico e perigoso ao meio ambiente, mas a empresa garante que “as análises de risco mostraram que o glufosinato é seguro a usuários, consumidores e meio ambiente quando utilizado dentro das prescrições de bula”. Segundo relatório da entidade *International Service for the Acquisition of Agri-biotech Applications*, o Brasil é o segundo país com mais área de cultivo transgênico, atrás apenas dos EUA. Não por acaso, somos a nação que mais consome herbicidas no mundo e o maior mercado da Bayer na América Latina: em 2009, o faturamento da empresa no país foi de R\$ 3,8 bilhões, sendo que a divisão CropScience foi responsável por 53% desse valor, segundo o site da empresa.

Ariel Fagundes, estudante do 6.º semestre de Jornalismo da Fabício

Ciência à venda

Vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia, a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) tem a função de criar normas de segurança e pareceres técnicos referentes à proteção da saúde humana e do meio ambiente para atividades que envolvam experimentação, cultivo, manipulação, transporte, comercialização, consumo, armazenamento, liberação e descarte de organismos geneticamente modificados.

Apesar de o tema interessar a toda a população, a maioria dos pesquisadores que integram a Comissão está em sintonia com o interesse das empresas. Segundo Paulo

Brack, membro da CTNBio, 75% deles votam favoravelmente à liberação de transgênicos. O professor revela que há cientistas no órgão ignorando por completo seu compromisso social: “Existem pesquisadores que não deveriam permanecer na Comissão porque se beneficiam dessa tecnologia direta ou indiretamente. Se eu estivesse no lugar deles e tivesse recebido algum tipo de financiamento de empresas ou algum honorário para uma análise, eu não faria parte do grupo. Infelizmente, parte considerável da CTNBio é composta por pesquisadores que são beneficiados ou já trabalharam para essas empresas”, critica.





Ensino por todo o lado

6.º Salão
Pela primeira vez, graduação, pós-graduação e educação a distância dividiram o mesmo espaço

No chão, almofadas abrigam cópias em gesso da sola dos pés dos alunos da disciplina Processos e Linguagens Tridimensionais, integrante do curso de graduação em Artes Visuais a Distância. Provenientes de quatro polos, os estudantes concretizaram em três trabalhos a ideia do andante, num diálogo entre o próprio mundo e o registro nas cidades. Em cada peça de gesso estavam moldados o formato do pé e desenhos de objetos escolhidos pelo autor. As peças artísticas compuseram a exposição “Virturbanos” e coloriram a Sala Fahrion durante o 6.º Salão de Ensino da UFRGS, ocorrido entre 26 e 28 de maio.

A novidade deste ano foi a graduação, a pós-graduação e a educação a distância juntas num mesmo evento: uma atmosfera na qual, a todo instante, quem aprende ensina e quem ensina aprende. Conforme a pró-reitora de graduação, Valquíria Bassani, “se, por um lado, o aluno da pós-graduação ganha porque adquire experiência, o da graduação também ganha, porque suas práticas geram discussões e novas metodologias”. Um exemplo disso foi a iniciativa do Programa de Apoio à Graduação (PAG), que reúne grupos de trabalho – com monitoria de graduandos e estágio de docência de pós-graduandos – para prestar reforço nas áreas de inglês, português, física e cálculo. Durante o salão, a mestranda em Letras Aline Juchem relatou que, embora o foco inicial fossem os estudantes de Letras, alunos de outros cursos têm procurado as atividades que acontecem todos os sábados.

Ações como esta traduziram a principal preocupação do salão: a problematização de experiências pedagógicas a fim de valorizar a docência nos diferentes níveis de ensino. “A graduação forma professores para o ensino básico; a pós-graduação, para a graduação; e o EAD é uma ferramenta que permeia tudo isso”, afirma Valquíria.



FLAVIO DUTRA/JU

O evento teve, além da tradicional mostra de pôsteres no Salão de Festas, relatos de mobilidade acadêmica, monografias e trabalhos de conclusão

No mesmo lugar, lugares diferentes – “A maioria de meus alunos mora longe do polo, a 300 quilômetros de distância aproximadamente”. Ouvinte do Salão de Ensino, a professora Tatiana Felix da Silva é tutora do Curso de Especialização em Física para Educação Básica no polo de Rosário do Sul. Segundo ela, os futuros profissionais buscam essa formação a fim de passá-la adiante no ensino básico. O tutor, nesse sentido, é um ponto de apoio para os estudantes a distância: “Tem que ter um estímulo e uma perseverança fora do comum. Aí entra a nossa parte, que é acompanhá-los”, expõe.

Motivação semelhante teve o estudante da graduação a distância em Tecnologias de Desenvolvimento Rural Diomar Lino Formeton. Ele trouxe para o Salão um trabalho realizado na agro-indústria de vinhos e sucos localizada em Três Passos. Na perspectiva da agricultura familiar, a uva é adquirida na serra e processada no município. “Para mim, depois de 30 anos sem estudar, é uma oportunidade que tenho de me aperfeiçoar”, afirma.

O ensino a distância na Universidade existe há 10 anos e, atualmente, é possível obter diplomação em oito cursos de graduação e em 12 de pós-graduação. “Chegamos agora ao ponto ótimo”, aponta o vice-secretário de EAD, Silvestre Novak, que avalia de forma positiva a integração da Educação a Distância com os diferentes níveis de ensino. Segundo ele, havia muitas experiências produzidas por alunos de pós que não tinham espaço no Salão, porque era um momento voltado à graduação. Resultado de 70 projetos de pesquisa, a Mostra Virtual, por exemplo, possibilitou que os objetos de aprendizagem desenvolvidos ao longo do ano fossem disponibilizados para alunos, professores e comunidade. “Isso desperta nos estudantes o interesse em compartilhar e produzir. Com a tecnologia, rompemos fronteiras”, conclui.

Educação ativa – Além da mostra virtual, o 6.º Salão de Ensino englobou relatos de mobilidade acadêmica, monografias e trabalhos de conclusão,

além da apresentação de pôsteres das mais variadas iniciativas, de dentro ou fora da Universidade. Nesse sentido, o comprometimento com o ensino fez com que o olhar de professores e alunos se voltasse à sociedade. Por isso, os três dias do encontro serviram para reflexão, troca de ideias e registro de diversas ações transformadoras do panorama educacional no Brasil.

Apesar de ainda não ter estudado a temática do direito do trabalho em sala de aula, a acadêmica do terceiro semestre de Ciências Jurídicas e Sociais Laura Schosler resolveu apresentar em forma de pôster o estudo que vem desenvolvendo desde o ano passado, sob o enfoque da iniciação científica. “Fazemos relação entre o conceito de ‘meio ambiente do trabalho’ e a importância disso para a saúde do trabalhador.” Para ela, as medidas que devem ser tomadas para proteger o trabalhador estão ligadas a um conceito mais amplo: a questão da dignidade da pessoa.

Após passar sete meses realizando atividades educativas com jovens de 19 a 25 anos, o estudante de pós-

graduação em Botânica Marc Emerim inscreveu-se no Salão de Ensino para organizar o material recolhido durante a experiência. Ele engajou-se no projeto do governo federal ProJovem Urbano, desenvolvido em duas escolas estaduais de ensino fundamental na Ilha das Flores e na Ilha dos Marinheiros, por meio do qual meninos e meninas podem receber certificado de ensino fundamental após um ano e meio de frequência. Embora o vínculo com o ProJovem tenha encerrado, Marc pretende continuar trabalhando nas comunidades voluntariamente.

A universalização do saber é uma ação palpável no Salão de Ensino, uma ocasião que aproxima realidades, sotaques e experiências diferentes. Com ou sem tecnologia, a educação é estendida, aos poucos, a muitos rincões. Ao visitar a Universidade, Diomar afirmou: “Nesses momentos, conseguimos perceber que somos alunos da UFRGS”.

Maria Elisa Lisbôa, estudante do 8.º semestre de Jornalismo da Fabico

Dois pontos

ORDEN I PROGRESSO

Nos tempos iniciais da República brasileira, a Sociedade Positivista local, seguindo uma discussão iniciada na Europa, propõe a adoção de uma escrita com base fonética (versus a etimológica, adotada no Brasil e na maioria dos países latinos). Miguel Lemos, então presidente da Sociedade, publica em 1890 no periódico Apostolado Positivista do Brasil as bases para a Ortografia Positiva – adiante, em 1901, irá publicar as Normas Ortográficas, com os preceitos revistos e estruturados. Curiosamente mas esperado, o ilustre positivista redige os prolegômenos ao postulado de acordo com a escrita fonética:

“Aproveito a oportunidade para consignar aqui o fato de que em França o movimento a favor da reforma ortográfica caminha rápido para uma vitória decisiva. Em meados do ano

passado foi endereçada à Academia Franceza uma representação assinada por milhares de pessoas, entre as quais um grande número de cientistas, professores e letrados de todos os matizes, pedindo àquela corporação literária, que pelo seu dicionário exerce ainda a suprema magistratura na língua franceza, a simplificação da ortografia correspondente.

Cuando a reforma se fizer lá, e ela não pôde tardar, os nossos plunitivos i sabixões indijenas, como sempre, começarão então a axar utilissimo, racional i serio o mesmo que oje julgão desnecessario, absurdo i ridiculo”.

Do mesmo autor, na publicação de 1901, o pendor paternal-populista contra os “plunitivos”:

“Como discípulo de Augusto Comte tenho o mais profundo desprezo por toda atividade intelectual, por mais brilhante que seja, que não tenha por destino único o bem público. Com

mais forte razão abomino as gramatiquices e questiúnculas literárias, ou mesmo científicas, que costumão absorver os plunitivos e parladores de variadas espécies que hoje inúndão o Ocidente, explorando a ignorância do público com a própria incompetência. E certamente mereceria eu grave censura si nésta, ou em qualquer outra ocasião, deixasse de subordinar todos os meus estudos, sejam eles quais fôrem, ao serviço social”.

* FONTE: ARQUIVO HISTÓRICO MOYSÉS VELLINHO

TUPI OR NOT...

Nada muito distante dali (no tempo e no espaço, porém com as asas da ficção)... seriam, assim, despropositadas as ideias ufanistas de Policarpo Quaresma? Vejamos “seu” tão interessante quanto infrutífero requerimento à Câmara e ao Senado:

“Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se veem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polémicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma – usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro”.

Antônio Falcetta, revisor de textos
email antonio.falcetta@secom.ufrgs.br

Línguas para agir no mundo



Aprendizagem Ensino de idiomas no Colégio de Aplicação vai muito além do verbo to be

Fomentar o ensino de línguas na escola. Essa é a ideia de um projeto inovador que começou no ano passado no Colégio de Aplicação (CAp) da UFRGS e demonstra estar dando certo. A partir da sétima série do ensino fundamental, os alunos podem escolher qual língua estrangeira irão estudar, dentre quatro opções: alemão, espanhol, francês e inglês. Em vez de aprender diferentes línguas em dois períodos de 45 minutos por semana, eles se envolvem apenas com o idioma que lhes interessa mais, com a carga horária ampliada para cinco períodos – o mesmo tempo dedicado a matérias como matemática.

Henry Souza, professor de espanhol e coordenador de línguas estrangeiras do Colégio, explica que cada série, com 60 alunos, foi dividida em 4 grupos por língua de estudo, com uma média de 15 alunos. “O grupo reduzido facilita muito o avanço comunicativo, e até os problemas de comportamento que os alunos tinham em outras disciplinas, nas aulas de línguas a gente não percebe. O aluno está muito mais motivado.”

“A questão de o tempo ser ampliado é fundamental para a aprendizagem”, analisa a professora de inglês e coordenadora do departamento de Comunicação do CAp, Ingrid Broch. Ela lembra que, no modelo anterior, o estudante às vezes não se engajava no aprendizado porque sabia que a aula logo iria terminar; agora, conclui, “não há como passar cinco períodos sem se envolver”.

Gabriela Pereira, aluna de francês da oitava série, avalia: “O professor pode dar mais atenção a cada um”. O aluno de espanhol Felipe Silva, da sétima, sente o benefício: “Os professores nos ajudam, eles ensinam e dão vários exercícios para

a gente treinar a fala, a pronúncia, a leitura”. E a aluna de inglês Vitória Moraes, da oitava, complementa: “O legal de ter mais tempo de aula é que dá para fazer outras coisas sem ser só no quadro. Dá para escutar música, ler, etc.”. De acordo com a professora de francês Maria da Graça Marques, “em termos de proficiência, há muita diferença. Os alunos conversam em francês com uma fluência que não haviam tido até hoje”.

O fato de os alunos escolherem a língua que querem aprender é fundamental para o sucesso do novo modelo. “Havia situações, antes da escolha, em que o aluno vinha à aula e dizia: mas eu não gosto de inglês, não gosto dessa língua, estou aqui só porque me obrigaram. Hoje isso não acontece mais, ele está ali porque escolheu aquele idioma”, relata a professora Ingrid. “Tudo o que a gente quer fazer acaba sendo mais prazeroso, e a gente acaba se dedicando mais”, conclui a estudante Gabriela.

Decisão com planejamento – O processo de escolha se dá ao longo do primeiro mês da sétima série. Todos os alunos têm contato com cada um dos quatro idiomas e realizam algumas atividades; posteriormente, devem optar por uma língua a ser aprendida durante dois anos, da sétima à oitava série. No ensino médio, fazem nova opção por um idioma a ser estudado nos três anos – e que necessariamente precisa ser diferente do escolhido na sétima. Os professores orientam os estudantes a considerarem um conjunto de aspectos para fazerem a melhor escolha, como não optar pela mesma língua que porventura estejam estudando em algum curso fora, pesquisar mais sobre os idiomas de interesse e sobre os países em que são falados, e conversarem com a família. Mas o mais importante é que a decisão seja tomada pelo próprio aluno.

Gabriela Pereira, do francês, e Adrielle Souza, do espanhol, ambas da oitava série, por já cursarem inglês fora da escola, decidiram estudar outras línguas no Colégio de Aplicação. “Minha vida toda foi assim: no inglês do colégio eu não aprendia nada porque já estava no curso há mais tempo, então adorei

poder escolher outra língua para eu realmente aprender uma coisa nova”, conta Gabriela.

Segundo a professora Ingrid, no caso do alemão, houve alunos que escolheram o idioma por possuírem ascendência alemã e terem em casa avós ou até mesmo pais que falam um pouco da língua. Mas Pedro Henrique, da oitava série, foge a essa regra: “Meu pai é argentino, e lá em casa todo mundo fala espanhol. Aí achei melhor fazer outra língua para aprender coisas novas”, relata o aluno, que fora do CAp ainda cursa língua russa. Já Felipe, da sétima série, optou pelo espanhol nos primeiros dois anos e inglês, que acha mais difícil, nos três anos do ensino médio. “Acho que vai ser importante pra mim no futuro, para as coisas que eu vou fazer, trabalho e tal”, comenta.

Mas o fato de o aluno ter de trocar de idioma ao concluir o ensino fundamental não o impede de continuar a língua que já estava estudando. No ensino médio do Colégio de Aplicação, ele poderá prosseguir o estudo daquela língua, cursada agora como disciplina eletiva. Ingrid revela que existe a intenção de iniciar o projeto já na quinta série, mas isso depende de abertura de concurso para a contratação de professores.

Expandindo horizontes – O projeto prevê ainda quatro períodos interdisciplinares para os grupos de estudo de línguas, em que os alunos escolhem entre diferentes assuntos (matemática, história, música, arte, educação física, etc.) e desenvolvem um trabalho a ser apresentado ao final de cada trimestre. A turma de inglês da oitava série, por exemplo, criou um blog bilíngue com pesquisas sobre o comportamento de adolescentes na escola, com gráficos e estatísticas coletadas por eles mesmos, abordando questões como o meio de transporte utilizado pelos estudantes e suas preferências musicais. “O objetivo é usar a língua para agir no mundo, com cada um utilizando o conhecimento do idioma dentro daquilo a que se propõe”, explica Ingrid.

Além disso, há atividades extracurriculares a que todos podem se dedicar e

Diversidade no Colégio

O Colégio de Aplicação promove anualmente a semana de línguas. É mais uma forma de propiciar aos alunos o contato com pessoas de outros países e estimular o aprendizado de idiomas estrangeiros. “No ano passado, havia grupos grandes de chineses na UFRGS. A gente os trouxe para cá, e os alunos adoraram”, conta a professora Ingrid Broch. A edição de 2010 ocorrerá entre os dias 28 de junho e 2 de julho. Para este ano, o Colégio pretende trazer línguas (língua brasileira de sinais), mandarim e italiano, entre outras línguas. O evento também conta com palestrantes, escritores e oficinas oferecidas por estudantes de graduação da UFRGS – o que, para muitos destes, é a primeira experiência didática.

Informações extras:

- Acesso ao blog bilíngue dos alunos da oitava série: <http://adolescentesnascolas.blogspot.com/>

- Vídeo no YouTube sobre a peça “Dracula” do *Drama Club*: <http://www.youtube.com/watch?v=osfQmm6s6g4>

que envolvem outras habilidades comunicativas, como o *Drama Club*, em que os estudantes criam e apresentam peças de teatro em inglês, baseadas em romances adaptados à aprendizagem do idioma. Essa atividade envolve alunos de diferentes graus de conhecimento. “O aluno que sabe tem o trabalho de ajudar o colega, e o que não sabe tem que aprender com o colega”, relata a professora, explicando que o próprio ato de ensinar o outro é o que traz melhor resultado de aprendizagem para o estudante. O projeto *Drama Club Webwriters* ganhou o prêmio internacional EducaRede na categoria Ensino

Médio em 2007, com participação de cinco países, além do Brasil.

Mas a ideia é ainda mais ampla. Há outras formas de incentivar o aprendizado de línguas na escola. Os professores buscam trazer alunos de intercâmbio da graduação da UFRGS para darem palestras no Colégio de Aplicação. Uma dessas palestras foi de um estagiário de inglês, como lembra Ingrid: “Eu disse aos meus alunos para fazerem perguntas a ele”. A professora Maria da Graça está com uma estagiária de Québec: “No início, ela só falava francês. Agora está aprendendo português com a gente e já consegue se comunicar”, conta a estudante Gabriela. Há ainda um intercâmbio que o Colégio mantém há 50 anos com uma escola de Weston, EUA, pelo qual envia um aluno para estudar lá durante um ano e recebe um estadunidense por um período de três meses. “Estamos com uma americana aqui”, conta Ingrid. “A menina chegou e foi logo acolhida, todo mundo quis fazer amizade”, acrescenta.

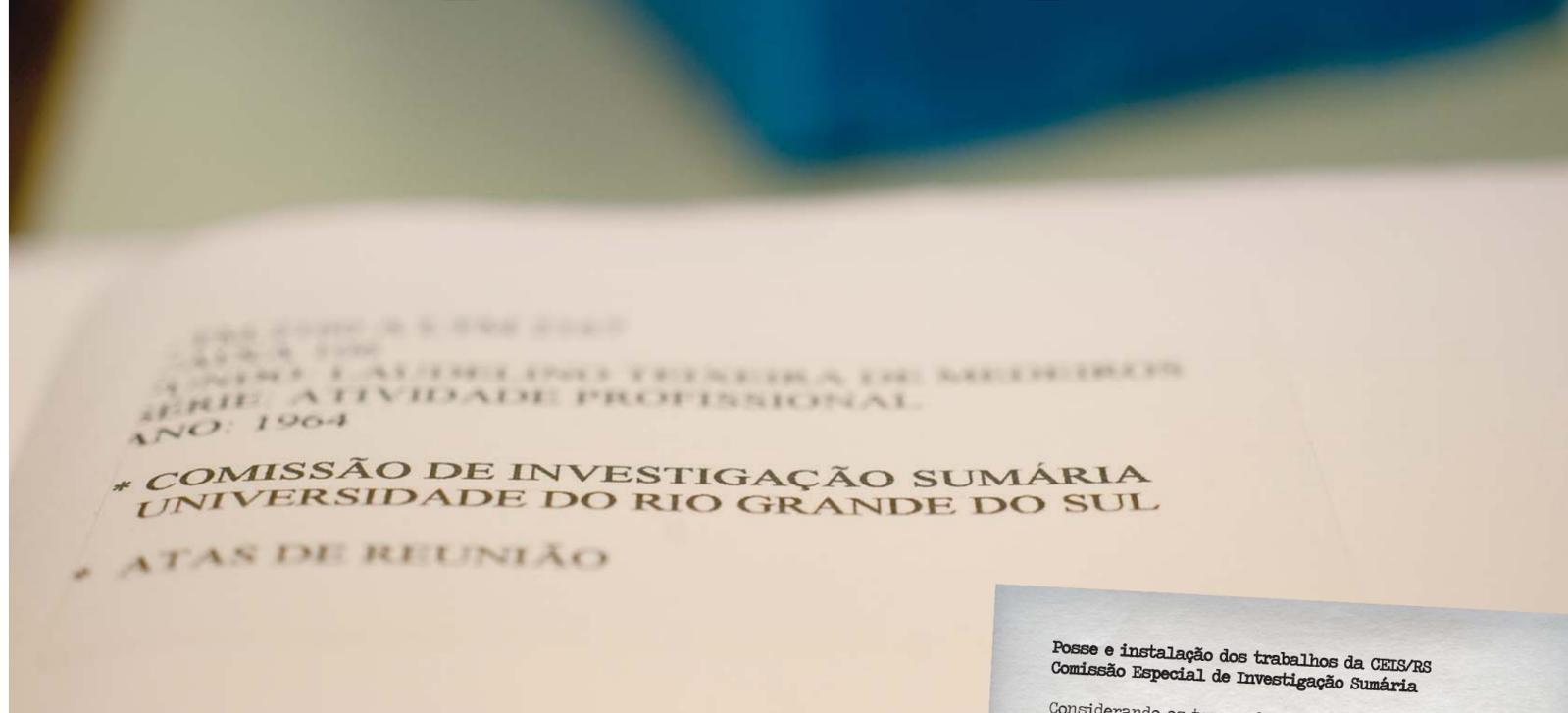
Outra palestra que marcou a professora foi uma com estudantes africanos: “Quando escreveram seus nomes no quadro, a gente pensou: como pronunciar isso?”. Chamou-lhe a atenção o fato de eles falarem com total segurança até quatro dialetos, além do idioma oficial do país. “No Google Earth giraram aquele globo até mostrar onde moravam. E isso é história, geografia, política porque falaram também um pouco do contexto político e econômico. A aula de línguas já tem essa característica multidisciplinar.”

O fundamental, na opinião de Ingrid, é propiciar aos estudantes situações em que eles tenham um propósito real ao utilizar o idioma estrangeiro, não se prendendo apenas ao ensino tradicional. Afinal, a comunicação também é sinônimo de expansão, pois envolve a interação com quem tem uma cultura diferente. Dessa forma, o Colégio de Aplicação, instituição pública, mostra que línguas estrangeiras podem, sim, ser aprendidas com qualidade na escola.

Diego Mandarino, estudante do 7.º semestre de jornalismo da Fabício

Especial

Depois do longo tempo sem provas



História

Documentos possibilitam reconstrução do período inicial da Ditadura Militar na Universidade

TEXTO **JACIRA CABRAL DA SILVEIRA** COLABOROU **CAROLINE DA SILVA**
FOTOS **FLÁVIO DUTRA**

Passados mais de 30 anos das perseguições protagonizadas pela Ditadura Militar no Brasil (1964/1985), surgem os primeiros documentos que registram a atuação da Comissão Especial de Investigação Sumária (CEIS/RS), instalada na Universidade do Rio Grande do Sul (assim chamada antes da federalização) em reunião presidida pelo então reitor José Carlos Fonseca Milano (18/05/64 a 17/05/68) no dia 18 de maio de 1964.

Tais documentos fazem parte do acervo do professor da antiga Faculdade de Filosofia da UFRGS, Laudelino Tei-

xeira de Medeiros, ex-integrante da subcomissão "D", vinculada à CEIS. Após sua aposentadoria, Laudelino mudou-se para Caxias e, com seu falecimento em 1999, a família vendeu à Universidade de Caxias do Sul (UCS) seus mais de 40 mil livros e cinco caixas grandes de madeira, contendo diferentes materiais.

Entre esses pertences, constavam as atas da CEIS, desde 2003 disponíveis para pesquisa no Centro de Documentação da instituição caxiense (CEDOC/UCS). A localização do material veio a público através de reportagem publicada na Folha de S. Paulo em janeiro deste ano, após contato do conselheiro do Movimento de Justiça e Direitos Humanos do Rio Grande do Sul, Jair Krischke, que tomou conhecimento do acervo por meio do arquivista e professor da Faculdade de Bibliotecon-

omia e Comunicação da UFRGS Jorge Eduardo Enriquez Vivar, também vice-presidente no Brasil da ONG Arquivistas Sem Fronteiras.

Utilidade dos documentos – Procurando levantar fatos que comprovassem os atos dos aparelhos repressivos do movimento civil-militar golpista brasileiro, Vivar selecionou algumas das atas da CEIS/RS que registram tanto sua organização para legitimar suas práticas arbitrárias, quanto relatórios dos inquéritos feitos com professores e estudantes da Universidade suspeitos de comportamento subversivo e ligações perigosas. Isso comprova que a chamada "operação limpeza" ocorreu, sim, no meio acadêmico.

O primeiro trabalho acadêmico que fez uso do acervo de Laudelino foi a dissertação de mestrado "Os expurgos na UFRGS: afastamentos sumários de professores no contexto da Ditadura Civil-Militar (1964 e 1969)", defendida por Jaime Valim Mansan na PUC, em 2009. Enquanto graduando de História na UFRGS Mansan já estudava esse tema, sob a orientação do professor Enrique Serra Padrós e fez parte de uma comissão que buscou arquivos do período repressivo brasileiro dentro da Universidade.

Tanto para o arquivista Vivar como para o professor de História Mansan, fica claro nesses documentos que Laudelino Teixeira de Medeiros era bastante atuante na CEIS. Jaime Mansan admite, também, que, pelos registros, o professor de Sociologia foi grande incentivador das delações. Outro ponto interessante: na UFRGS, pessoas de direita foram expurgadas. Conforme o historiador, "a própria indefinição

Posse e instalação dos trabalhos da CEIS/RS Comissão Especial de Investigação Sumária

Considerando os termos da Portaria nº 259, de 20 de abril de 1964, baixada pelo Excelentíssimo Senhor Ministro de Estado da Educação e Cultura em cumprimento ao artigo 7º do Ato Institucional e ao Decreto nº 53.897, de 27 de abril de 1964, que o regulamentou,

RESOLVE:

Art. 1º - É instituída na Universidade do Rio Grande do Sul, a Comissão Especial destinada a proceder a investigação sumária de que trata o § 1º do Art. 3º do Decreto nº 53.897.

Art. 2º - São designados para compor a comissão de que trata o art. 1º, os Exmos. Srs. Professores Luiz Carlos Guimarães, Moysés Westphalen, Jaci Carneiro Monteiro, Saviniano de Castro Marques, Ney Messias, Amadeu Fagundes da Rocha Freitas, Paulo Maurell Moreira, Nagipe Buaes, Gastão Coelho Pureza Duarte, Delfin Mendes da Silveira, Lourenço Mario Prunes, Zacarias Valiati, Ney Machado da Silva, Othon Sá Castanho.

Art. 3º - Findos os trabalhos da Comissão Especial, o relatório será encaminhado, com parecer conclusivo para cada caso, ao Excelentíssimo Senhor Ministro de Estado da Educação e Cultura.

Art. 4º - Além das normas processuais constante da presente Portaria, serão observadas, no que for aplicável, todas as normas substanciais e formais constantes no art. 7º do Ato Institucional e no Decreto nº 53.897, de 27.4.64.

(as.) Prof. José Carlos Fonseca Milano

- Reitor -

Fonte: Documentos da Comissão Especial de Investigação Sumária (CEIS/RS)/ Acervo Laudelino Teixeira Medeiros/CEDOC/UCS



Marília Conforto, responsável pelo arquivamento do acervo na UCS

de subversão era interessante; permitia que desavenças pessoais influenciassem nisso. As justificativas para os expurgos eram do seguinte tipo: participou de um evento sobre arquitetura em Cuba ou tem amigos comunistas".

Ambos pesquisadores também concordam quanto à qualidade do Centro de Documentação da UCS, que julgam exemplar. Na opinião da coordenadora do CEDOC, Marília Conforto, a documentação de Laudelino reflete seu receio da comunização do Brasil. Isso também fica evidente, segundo a historiadora, em sua atuação na CEIS, conforme está registrado nas atas: "Ele queria conhecer o inimigo para combater e dominar se fosse o caso".

Vivar ressalta que o acervo organizado por Marília está adequado tecnicamente, com gente especializada para trabalhar no material e disponibilizar a informação. "O que interessa é que os documentos estejam disponíveis, acessíveis, para esse papel pedagógico dos arquivos, de educar as pessoas, de preservar a memória e de serem utilizados para que a sociedade os conheça e não cometa os mesmos erros", comenta o professor da Fabico.

Com base nos recortes de Vivar e Mansan, o Jornal da Universidade traz o conteúdo de parte das atas e relatórios da comissão e das quatro subcomissões, que atuaram durante o ano de 1964, expurgando 17 docentes.

Atas e relatórios revelam procedimentos das investigações sumárias

Integrantes da CEIS

- 1) Amadeu Fagundes da Rocha Freitas (Faculdade de Arquitetura)
- 2) Jaci Carneiro Monteiro (Faculdade de Medicina de Porto Alegre)
- 3) Lourenço Mario Prunes (Faculdade de Filosofia), substituído da comissão em reunião realizada no dia 1 de maio de 1964
- 4) Luiz Carlos Guimarães (Faculdade de Odontologia de Porto Alegre)
- 5) Nagipe Buaes (Faculdade de Ciências Econômicas), assume a presidência da CEIS
- 6) Ney Messias (Faculdade de Direito de Porto Alegre)
- 7) Moysés Westphalen (Faculdade de Agronomia Veterinária), substituído pelo professor Cícero Menezes de Moraes
- 8) Paulo Maurell Moreira (Faculdade de Farmácia de Porto Alegre)
- 9) Saviniano de Castro Marques (Escola de Engenharia)
- 10) Zacarias Valliati (Escola de Artes)
- 11) Gastão Coelho Pureza Duarte (Faculdade de Odontologia de Pelotas)
- 12) Delfin Mendes da Silveira (Faculdade de Direito de Pelotas), que será substituído por Rosa Russomano de Souza Lima
- 13) Neya Machado da Silva (Escola de Enfermagem)
- 14) Othon Sá Castanho (Escola de Geologia)
- 15) Gal. Jorge César Teixeira, assessor militar indicado pelo 3.º Exército

Subcomissões

- Subcomissão A:** Faculdade de Arquitetura, Faculdade de Agronomia e Veterinária, Escola de Engenharia e Escola de Geologia. Integrantes: Luiz seigneur de Faria (Escola de Engenharia), João Baptista Pianca (Faculdade de Arquitetura), Milton Luiz Laquintinie Formoso (diretor em exercício da Escola de Geologia) e Mozart Pereira Soares (diretor da Faculdade de Veterinária e Agronomia).
- Subcomissão B (de Pelotas):** Faculdade de Direito de Pelotas e Faculdade de Odontologia de Pelotas. Integrantes: presidente Gastão Coelho Pureza Duarte (Faculdade de Odontologia de Pelotas), Delfin Mendes da Silveira (Faculdade de Direito de Pelotas), Ruy Martins Amaral Braga (Faculdade de Direito de Pelotas), Cel. Bento Pena Fernandes (assessor militar)
- Subcomissão C:** Faculdade de Medicina, Faculdade de Farmácia, Faculdade de Odontologia de Porto Alegre e Escola de Enfermagem. Integrantes: presidente Jaci Carneiro Monteiro (Faculdade de Medicina), Paulo Maurell Moreira (Faculdade de Farmácia), Luiz Carlos Guimarães (Faculdade de Odontologia de Porto Alegre), Neya Machado da Silva (Escola de Enfermagem).
- Subcomissão D:** Faculdade de Direito de Porto Alegre, Faculdade de Ciências Econômicas, Faculdade de Filosofia e Escola de Artes. Integrantes: presidente Nagipe Buaes (Faculdade de Ciências Econômicas), Ney Messias (Faculdade de Direito de Porto Alegre), Lourenço Mário Prunes (Faculdade de Filosofia), Zacarias Valliati (Escola de Artes) e Laudelino Teixeira Medeiros (Faculdade de Filosofia).

Fonte: Atas da Comissão Especial de Investigação Sumária (CEIS/RS)/ Acervo Laudelino Teixeira Medeiros/CEDOC/UCS

O cotidiano da Comissão

A constituição da Comissão de Investigação da URGs foi bastante peculiar, comparada às demais formadas nas outras universidades brasileiras que sofreram intervenção militar pós-abril de 64. Com a portaria n.º 259 de 20/04/1964, baixada pelo MEC, o Ministro da Educação e Cultura, Flávio Suplicy de Lacerda, instituiu as comissões especiais de investigação sumária nas universidades brasileiras, a serem constituídas a partir das reitorias. Segundo Jorge Vivar, professor da Arquivologia, o reitor Milano repassou essa responsabilidade às unidades, que deveriam indicar seus próprios representantes, e também criou quatro subcomissões, com atribuições investigatórias.

O resultado disso, na avaliação do mestre em História Jaime Valim Mansan, foi a formação de uma comissão marcada pela heterogeneidade, pois cada congregação concebeu de forma diferente a natureza e função do grupo em formação. “A efêmera existência e a aparente simplicidade organizacional da CEIS/URGS tendem a esconder a complexidade de seu funcionamento”, argumenta o historiador.

Caça às bruxas - Na análise de Mansan, isso se comprova nas atuações tão distintas dos integrantes da comissão. De acordo com ele, enquanto professores como Neya Machado da Silva e Lourenço Mario Prunes adotaram uma postura moderada durante todo o período, outros, como Laudelino Teixeira de Medeiros (Filosofia), Nagipe Buaes (Filosofia), Ney Messias (Direito) e Jaci Carneiro (Medicina), “tiveram suas atuações marcadas por um significativo alinhamento com algumas

diretrizes da Ideologia de Segurança Nacional”.

No decorrer da atuação da comissão, conforme os dois pesquisadores, não resta dúvida quanto ao seu caráter como instrumento de caça às bruxas, àqueles considerados suspeitos de oposição ao regime que se impunha à nação. Na ata da sétima reunião, o professor Ney Messias define esse caráter afirmando que a CEIS era delegada do poder público, podendo julgar contra alguém uma determinada acusação. Por outro lado, advertia: “Não se deve dizer: é a DOPS, ou é o 3.º Exército. É o Estado Nacional que faz a acusação. Estado Nacional do qual a Comissão é uma delegação”.

Para Messias e os demais que comungavam da mesma ideia, o que estava em jogo era o interesse nacional. O próprio presidente da CEIS, Nagipe Buaes, solicitou na primeira reunião que: “Cada integrante de Comissão obtivesse junto a sua Faculdade ou Escola uma lista do corpo docente, discente e administrativo, para que a mesma fosse devidamente apreciada. Propôs ainda que uma cópia dessa lista fosse enviada ao Comando do 3.º Exército e outra, à Chefia de Polícia, a fim de que tais listas fossem examinadas e ensejassem, à Comissão, informações que pudessem levá-la a intensificar suas atividades”.

Saídas estratégicas - Nem todos permanecem na Comissão, como é o caso do professor Moysés Westphalen (Agronomia e Veterinária), que se afasta já nos primeiros dias de sua instauração, assumindo em seu lugar o professor Cícero Menezes de Moraes. Quando o presidente da Comissão lê o ofício de Westphalen, pedindo seu afastamento,



Ativo membro da CEIS, professor participou da banca de FHC

cria-se um clima tenso, mas não há qualquer referência na ata sobre o teor da carta de Westphalen.

Lourenço Mario Prunes também pede seu afastamento, alegando exercer cargo judiciário. O professor embasa seu pedido no texto na Constituição Federal de 1946, a qual veda ao juiz “exercer, ainda que em disponibilidade, qualquer outra função pública, salvo o

magistério secundário e superior e os casos previstos nesta Constituição, sob pena de perda do cargo judiciário”.

O professor Delfin Mendes da Silveira, indicado pela Faculdade de Direito de Pelotas também sai da comissão e é substituído por Rosa Russomano de Souza Lima. Não constam nas atas quaisquer retaliações a esses professores por deixarem de colaborar com a CEIS.

Intervenção militar nas entidades estudantis

Além dos professores presentes à reunião de instalação da CEIS/RS, (conforme a lista constante no box desta matéria “Integrantes da Ceis”), participou do encontro o general Jorge César Teixeira, assessor militar indicado pelo 3.º Exército. Foi ele que na ocasião anunciou a presença dos militares Nathanael Gomes Alves, interventor na UEE (União Estadual de Estudantes), Antonio Mendes Ribeiro, interventor na FEURGS (Federação dos Estudantes da Universidade do Rio Grande do Sul), Waldemar Carlos Schneider, interventor na Casa do Estudante, e Ruy Gonçalves, interventor na UMESPA (União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas de Porto Alegre). A subcomissão B, que compreendia as faculdades de

Pelotas, tinha seu próprio assessor militar, o Cel. Bento Pena Fernandes.

Entre os instrumentos de controle, a CEIS adotava aqueles utilizados pelo 3.º Exército e o DOPS. Fazem parte do acervo de Laudelino documentos como os relatórios dos diretores de unidades e membros da Comissão e a transcrição de depoimentos de estudantes, quando eram pressionados a citar nomes e tecer considerações sobre comportamentos alheios.

No depoimento do estudante de Medicina Paulo Roberto Faillace, por exemplo, ele comenta que colegas o acusavam de ser comunista, mas Faillace afirma ser de esquerda e explica o que entende por isso: “[É] um sistema progressista que desejava a redenção do povo brasileiro com reformas de base; uma situação mais humana para o povo”. Ao que o inquisidor argumenta: “Isso não é esquerda não, isso é a ideia de todos nós”. Durante seu depoimento, Faillace cita nomes de estudantes que considera comunistas ou simpatizantes.

Além dos depoimentos, o acervo tem fichas com informações de professores, como a de Ernani Maria Fiori, da Faculdade de Filosofia. “Quanto ao professor Ernani Maria Fiori, o mesmo se tem destacado em suas Conferências e entrevistas de caráter esquerdista, demonstrando-se perfeito conhecedor dos problemas nacionais. É ele nacionalista extremo, dedicado à revolução social no País.” Consta na ficha como sendo uma informação de origem do DOPS.

A resposta de Fiori quando arguido na subcomissão “D” aparece no livro “Universidade e repressão: os expurgos na UFRGS” (L&PM, 2009). “Com simplicidade, procurarei mostrar que minha pregação não é subversiva, embora possa ser considerada revolucionária. Em relação às estruturas atuais, é revolucionária, e revolucionária no bom e amplo sentido sociológico, porque estas estruturas esclerosadas estão impedindo o dinamismo da história que se faz no sentido da democratização e da libertação do homem. Então,

forçar a fratura desses quadros não pela violência, mas pela pregação, pela luta ideológica, é lutar no sentido da democratização das instituições.”

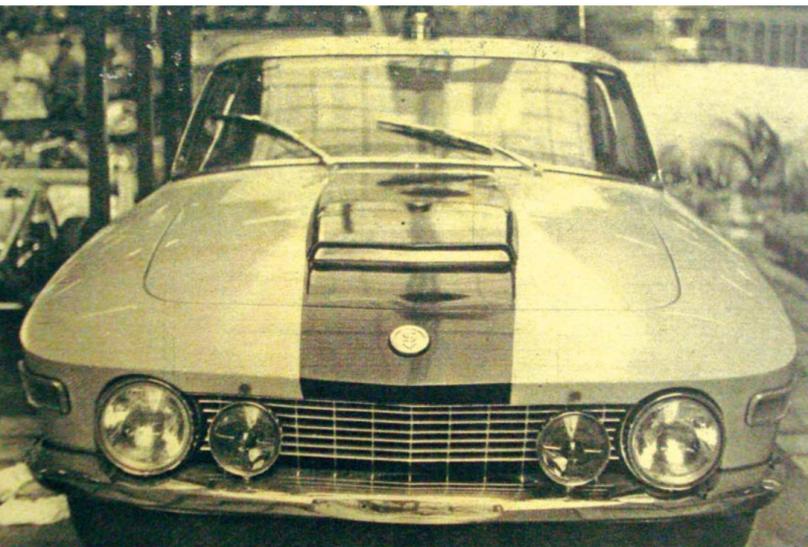
Arguições - Da sexta reunião da CEIS, realizada no dia 15 de junho de 64, participaram os diretores das Faculdades de Filosofia, Ary Nunes Tietböhl, de Direito de Porto Alegre, Galeno Vellinho de Lacerda, de Ciências Econômicas, Pery Pinto Diniz da Silva, e da Escola de Artes, Aurora M. C. Desidério. Conforme o presidente da Comissão, a presença dos dirigentes tinha por meta prestar informações adicionais quanto aos seus relatórios encaminhados à CEIS.

Pery reafirmou várias vezes que não ocorreram fatos de subversão dos estudantes: “A maioria dos alunos da Faculdade de Ciências Econômicas trabalha e estuda, são moços que têm noção de responsabilidade, muitos são casados e, em face disso, a Direção tem recebido boa colaboração”. Ao referir-se a dois alunos (seus nomes não aparecem), um deles do Sindicato da Petrobras e outro do jornal Última Hora, fez uma ressalva: “Esses são fatos ocorridos fora das lides universitárias”.

Logo após o depoimento do professor da Economia, Laudelino pediu esclarecimentos a respeito de fato ocorrido durante sua gestão como vice-reitor, quando teria (na versão de Laudelino) autorizado a liberação do Salão de Atos para o Movimento Nacionalista Feminino, “que era um movimento nitidamente de caráter subversivo”.

O ex-reitor Elyseu Paglioli (13/08/1952 a 12/04/1964), também convocado, participou da sétima reunião, fazendo breve relatório sobre sua gestão e esclarecendo sobre a realização de um curso sobre marxismo no Salão de Atos.

Não satisfeito, Laudelino insiste em saber sobre o chamado aluno profissional: “Os senhores diretores não teriam algum elemento para dizer da possível existência desse tipo de estudantes em suas Faculdades ou Escolas?”. Um silêncio desconfortável parece se estabelecer. Final de mais uma reunião.



Fotografia do “carro policial” Gavião, entre os recortes de Laudelino Teixeira de Medeiros

Nação arco-íris

Destaque

África do Sul ainda tenta superar as feridas causadas pelo regime de apartheid

Ayesab' amagwala é o título de uma música zulu (uma das etnias que integram a África do Sul) que significa "os covardes estão com medo". Cunhada como forma de resistência ao regime de apartheid (1948-1990), ela traz o verso *Dubul' ibhunu*: atire no bôer. Nos últimos meses, ela tem sido entoada repetidas vezes em público – mesmo após decisão judicial de proibi-la por incitar ódio social – por Julius Malema, líder da Juventude do Congresso Nacional Africano (CNA), partido de Nelson Mandela no poder desde a democratização do país em 1994. O atual presidente, Jacob Zuma, o quarto eleito pelo voto livre e o primeiro da etnia Zulu, é um dos principais defensores de Malema, mesmo assim reprovou a atitude do jovem líder, considerado pela oposição – incluindo o Congresso Pan-Africanista (CPA), partido menor e radical que também conta com membros zulus e lutou contra o apartheid – um demagogo que se aproveita dos conflitos históricos para afirmar sua liderança.

O assassinato em abril do fazendeiro Eugene Terre'Blanche, líder de um movimento de extrema direita, por dois de seus trabalhadores negros foi explorado pela mídia internacional como um possível estopim para o retorno às tensões raciais que marcaram o antigo regime. O fato aconteceu no mesmo período em que Julius Malema

evocou os versos *Dubul' ibhunu*. A empresa de mídia inglesa BBC utilizou as palavras "Este assassinato tem o poder de liberar os demônios do ódio racial profundamente enraizado que assombrou esse país por três séculos", e sugeriu uma possível ligação com a canção zulu; os assassinos alegaram que o motivo do crime foi desentendimento em relação aos pagamentos, não tendo nada a ver com questões raciais. Em tom mais comedido, a alemã Deutsche Welle ponderou: "Parece haver suficientes líderes sábios e moderados em todos os lados para prevenir qualquer recorrência das ameaças de anarquia racial". Para entender o quadro social de hoje, é necessário voltar um pouco à constituição histórica da África do Sul.

Origem dos conflitos - Os bôeres são fazendeiros sul-africanos descendentes de holandeses que se intitulam afrikaners e têm uma língua própria. Chegaram a partir de 1652 e se envolveram em guerras na disputa por terras com nações negras que já habitavam a região, principalmente os zulus. Com a descoberta de minas de diamantes, os colonizadores britânicos também ingressaram nesses conflitos. Posteriormente, os ingleses dominaram a África do Sul e, já no século XX, se aliaram aos bôeres. Esse quadro levou ao regime de segregação racial que, entre outros aspectos, criou reservas chamadas de bantustões, em que cada uma das dez etnias negras deveria viver isolada do restante do país. O resultado foi que 75% da população sul-africana ocupava apenas 13% do território e em terras menos produtivas, numa condição de miséria, com altas taxas de mortalidade. Os negros que trabalhavam nas cidades recebiam salários baixos, ficando em muitos casos afastados de suas famílias e tinham de viver em áreas vigiadas por autoridades, com muro e arame farpado. Além disso, eram submetidos ao toque de recolher. Diversas foram as formas de resistência: da desobediência

civil pacífica à luta armada. Houve casos de protestos em que a polícia atirou contra manifestantes desarmados, matando inclusive crianças. No campo, a violência se dava tanto em casos de opressão a trabalhadores negros quanto em episódios de mortes de famílias de fazendeiros brancos.

A partir do regime democrático, que iniciou com a ascensão de Nelson Mandela ao poder por meio do voto, o governo tem o desafio de diminuir as desigualdades sociais e as tensões.

Com as velhas feridas ainda na memória, as mudanças ocorrem de forma lenta, o que provoca frustração nos diferentes grupos. Os brancos ainda concentram grande parte das riquezas, mas perderam os antigos privilégios com o fim do apartheid e em razão do incentivo do governo às empresas para que contratem e acelerem a promoção de negros, preferencialmente a cargos de comando. Além disso, o chamado BEE, *Black Economic Empowerment* (Empoderamento Econômico Negro), prevê a redistribuição de ações de companhias pertencentes a brancos para as mãos de negros. Houve a formação de uma classe média negra com renda considerável, mas poucas pessoas saíram da condição de pobreza com essas políticas. Por outra via, ações de urbanização do governo melhoraram a situação nos bairros pobres. "O governo buscou garantir que mais pessoas tivessem acesso a serviços de água, luz, saúde, etc.", analisa a professora Jo-Ansie van Wyk, da Universidade da África do Sul (Unisa), "mas o desemprego aumentou, então a qualidade de vida não melhorou". As políticas do BEE apenas "beneficiaram uma elite, seus amigos, seus companheiros; se você não está na mesma tribo ou se não conhece alguém do partido, não é contemplado", relata a professora. Por outro lado, há um quadro de interdependência política e econômica das elites, e a população acaba tendo uma postura de esperar ser beneficiada pelo estado, em vez de

buscar fazer a sua parte, não se qualificando para assumir postos de trabalho.

Jo-Ansie explica que as tensões são motivadas pela exclusão socioeconômica entre quem tem e quem não tem: ocorrem entre negros e brancos, com os negros entre si e também contra estrangeiros. A África do Sul, por ser a maior potência do continente, acaba atraindo pessoas de outras partes da África, dispostas a trabalhar por salários menores. Alguns sul-africanos entendem que seus empregos estão sendo roubados e já houve casos de ataques aos *kwerekwere*, assim chamados os estrangeiros pelos sul-africanos que não entendem sua língua, trazendo a xenofobia ao quadro de conflitos. O professor Paulo Visentini, do Centro de Estudos sobre a África do Sul (Cesul) da UFRGS, pondera que a própria motivação para a implantação do apartheid também tinha um aspecto econômico: "Quando terminou a Segunda Guerra Mundial, o número de empregos diminuiu, então eles pensaram em mandar os negros para determinadas regiões, os bantustões".

Realidade cotidiana - Alguns especialistas não acreditam, no entanto, que um estado de tensão generalizada possa acontecer na África do Sul, devido a esses acontecimentos de repercussão na mídia, pois se tratam de casos isolados. O professor Francis Kornegay, do IGD (Instituto para o Diálogo Global – ONG sul-africana especializada em relações internacionais), concorda quanto à motivação socioeconômica das tensões: "Há incidentes que periodicamente trazem questões à superfície – mas o fato de isso acontecer não significa que se retornará de repente à velha situação". O professor diz que, a partir do regime democrático, as tensões "já não têm a mesma magnitude que tinham". Paulo Visentini lembra um episódio: há dois anos a polícia descobriu que um fazendeiro havia mandado amarrar dois trabalhadores negros em uma árvore e

abandoná-los lá para que fossem comidos por leões: "Isso poderia ter levado a uma revolta dos negros, e não levou".

O professor José Carlos Frantz, do Instituto de Geociências da UFRGS, esteve na África do Sul em 1998, 2001 e 2002. Ele notou que, com o passar do tempo, as tensões diminuíram. Em 1998, por ser branco, precisava estar acompanhado de um guia para se deslocar em segurança. Já em 2001, relata, "andei em áreas onde havia vilas zulus no interior do país, e sempre fui muito bem tratado, nada de conflito, mesmo sem guia". O empresário Mauro Bellini, que morou na África do Sul entre 1996 e 2006, lembra como espontaneamente as pessoas de diferentes raças não mantêm uma interação social: "No churrasco da empresa, as turmas se dividiam: num canto os brancos, no outro, os negros; os assuntos são diferentes, os negros falam de futebol sul-africano, os brancos, de rugby". Mauro acha que, com o passar das gerações, o distanciamento entre raças tende a diminuir: "Pessoas na faixa dos 20 anos se relacionam um pouco melhor, e crianças de até 10 anos de idade já começam a andar juntas. Acho que está bem encaminhado, mas vai demorar algumas gerações para ficar normal", observa.

A África do Sul tem conseguido evoluir aos poucos; o que o país precisa é melhorar o sistema de educação. Na época do apartheid, a educação bantu "realmente emburreceu massas de pessoas", diz o professor Francis Kornegay. O governo investia 10 vezes menos em cada estudante negro em relação ao que investia em cada branco. Uma educação pública decente é o salto que o país precisa para reencontrar a esperança que tinha quando conquistou a liberdade de tornar-se uma próspera *Nação Arco-íris*, com pessoas de todas as cores integradas, como projetou na época o arcebispo negro Desmond Tutu.

Diego Mandarino, estudante do 7.º semestre de jornalismo da Fabrice



O sorriso das crianças de uma escola sul-africana é o retrato de uma geração que experimenta as mudanças trazidas pelo fim do apartheid

Branco honorários

A conveniência econômica por trás dos conflitos ficou bem evidente em um caso peculiar do tempo do apartheid. No regime, os espaços tinham restrições por cor – desde bancos de praça até hotéis e restaurantes de luxo só para brancos. Os negros eram os mais discriminados, seguidos dos coloured (coloridos), grupo que englobava mestiços, descendentes de indianos, malaios e orientais.

No início dos anos 1960, certa companhia japonesa fechou um acordo com o governo sul-africano em que propunha comprar 5 milhões de toneladas de ferro em um período de dez anos. Para poder receber as delegações de negócios, o governo declarou os japoneses "brancos honorários", de modo que eles pudessem frequentar os espaços destinados somente a brancos.



Cura para todos os males

Saúde

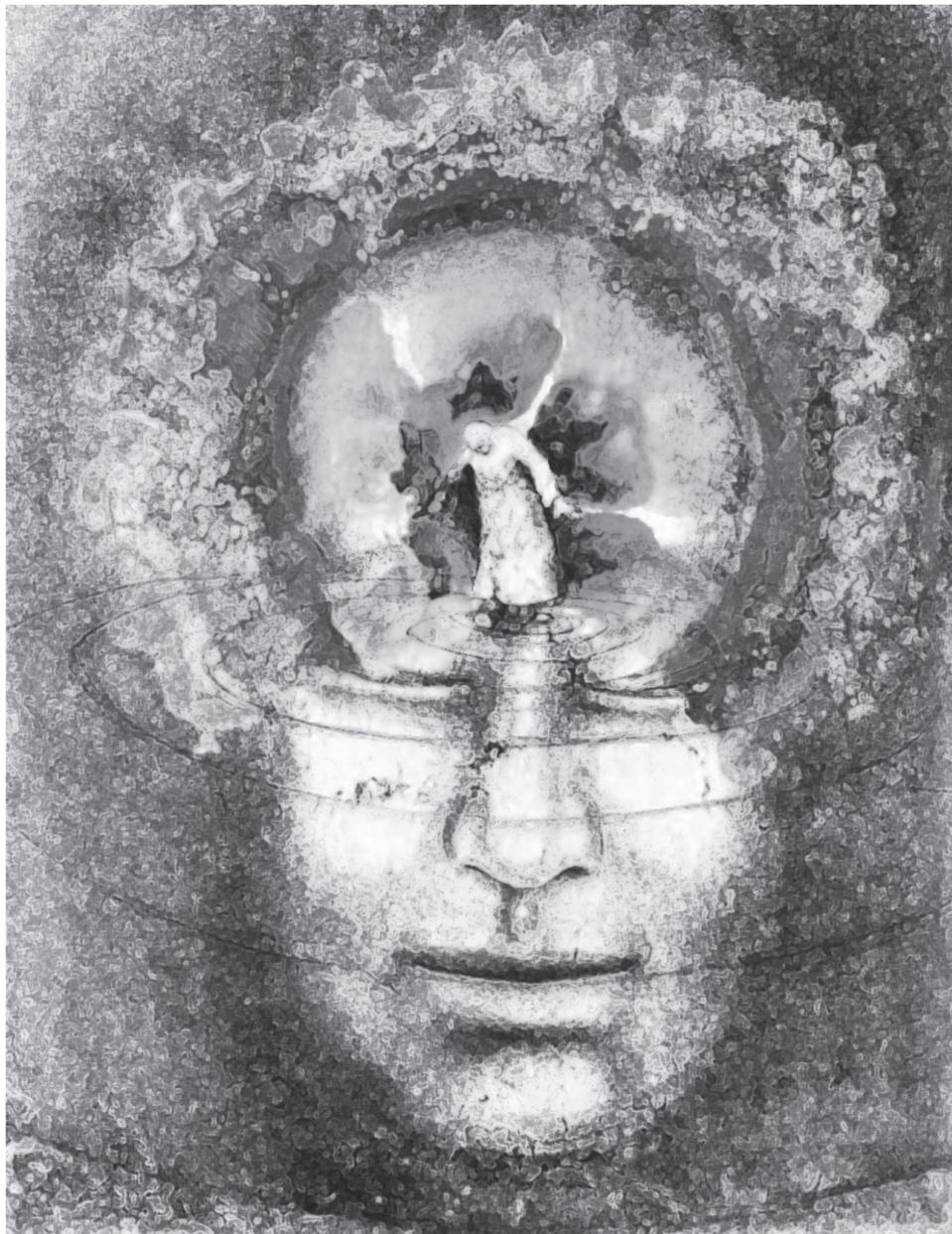
A adoção dos tratamentos psicoterapêuticos não é mais sinal de doença mental

Psicoterapia s.f. – Denominação dada a qualquer tratamento que tenta curar o paciente através de meios psicológicos e não através de meios físicos (definição do Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa). Até muito pouco tempo, fazer terapia psicológica era sinônimo de “loucura” ou de grave doença mental. Hoje, a psicoterapia é reconhecida como método científico de aplicação justificada, pois se associa à qualidade de vida do homem. As pessoas que procuram tratamento, atualmente, buscam saídas para seus conflitos, crescimento pessoal e almejam mudanças – que, muitas vezes, não poderiam ser alcançadas sem ajuda profissional.

Desde 1882, quando o médico neurologista nascido em Viena, Sigmund Freud, começou a pesquisar tratamentos efetivos para pacientes com sintomas neuróticos ou histéricos, as inadequações sociais já eram identificadas como causa dos desequilíbrios emocionais. O marco da psicanálise inaugurado por Freud foi, também, a descoberta do inconsciente – parte fundamental na compreensão dos sujeitos. Elementos estudados pela psicanálise contribuíram para a compreensão da ética, da moralidade e da cultura humana. A formalização da técnica psicoterápica por Freud demonstrou o quanto o sofrimento psíquico é decorrência das experiências vividas.

De acordo com a psicóloga Mary Georgina, diretora do Departamento Científico do Instituto Wilfred Bion, em Porto Alegre, “a psicoterapia é o tratamento que possibilita ao paciente questionar uma nova postura frente à vida e aos afetos. O sofrimento psíquico é decorrente dos mais diversos transtornos emocionais, e seus sintomas podem envolver aspectos físicos e sociais”, afirma. Ela esclarece ainda que o método não é focado nos medicamentos, e sim na fala, que é o principal instrumento entre o paciente e o terapeuta. Passados mais de 100 anos de prática psicoterápica, três abordagens ou linhas de tratamento são hoje adotadas: as de orientação psicanalítico-psicodinâmica, as de formação cognitivo-comportamental e as de formação existencial-humanista (ver quadro ao lado). Mary Georgina explica que é tarefa do psicoterapeuta avaliar qual delas é mais adequada às necessidades do paciente. “Uma triagem será feita dependendo da formação do psicoterapeuta, já que se pressupõe que ele vai tratar do paciente que ele julgue capaz de ajudar”, comenta.

A aplicação dos tratamentos psicológicos pode ser feita por um médico psiquiatra, por um psicólogo, ou ainda por um psicanalista. Mary Georgina esclarece que a diferença fundamental entre esses profissionais é, basicamente, a formação em Medicina do psiquiatra, que vai tratar os pacientes dando ênfase às causas orgânicas e à variedade dos sintomas, enquanto o psicólogo é um profissional que trata dos transtornos mentais, utilizando as teorias psicológicas do desenvolvimento, dos ciclos de vida e do funcionamento psíquico. “O psiquiatra define um diagnóstico que



ARTE SOBRE IMAGEM DE DEBORAH KOFF CHAPIN

Cada ação para uma reação!

Há diferentes tipos de psicoterapia, e geralmente as pessoas procuram os que são mais adequados. Eles são divididos por número de participantes (psicoterapia individual, de casal, familiar ou de grupo), de acordo com a duração (terapias curtas, de 6-15 sessões, e longas, com até três ou mais anos), entre outras. Formalmente, as práticas psicoterápicas são definidas em três abordagens teóricas:

- ▶ **psicanalítico-psicodinâmica:** baseia-se nos conflitos inconscientes, usa o método interpretativo e promove a transferência (sentimentos do paciente frente ao terapeuta), não é diretiva, se orienta pela regra da neutralidade;
- ▶ **cognitivo-comportamental:** baseia-se no histórico de aprendizagem e condicionamentos, prioriza o presente e promove novas aprendizagens para instalar diferentes respostas aos conflitos, centrando-se no cognitivo ou no comportamento. É diretiva, mas não prescinde da neutralidade;
- ▶ **existencial-humanista:** promove a busca por realizações pessoais que organizem a autoimagem do paciente e suas vivências. Baseia-se na ideia de que o descompasso entre esses dois fatores seria o causador dos transtornos. É focada também no presente.

orienta a terapêutica medicamentosa, ainda que os remédios não sejam o foco do tratamento”, complementa.

Cliente ou paciente? – “O auge da procura psicoterápica ocorreu, no mundo todo, nas décadas de 60 e 70, e no meio acadêmico era até uma necessidade se tratar para ‘se conhecer melhor’”, afirma Georgina. Ainda segundo a diretora, sua aplicação começou em uma elite cultural, mas se foi projetando para todas as camadas sociais.

Para aqueles que fazem uso das terapias psicoterápicas, dúvidas sobre a eficácia do tratamento e questionamentos sobre o tipo de relação estabelecida entre terapeuta e paciente são recorrentes. C.B. faz terapia há mais de vinte anos e diz já ter se questionado sobre tanto tempo de dedicação: “Já repensei o tratamento muitas vezes... têm momentos em que tu já não sabes se é aquilo que está te ajudando, ou se foi tu que resolveu teus problemas sozinho, que passou a encarar a vida de uma outra maneira. Depois tu percebes que o terapeuta te ajuda a chegar a novos comportamentos, não é ele quem faz esse caminho”. A paciente ainda comenta que, com o passar dos anos, cria-se um vínculo. “É estranho porque tu crias uma relação de confiança, de afeto, mas é diferente de todas as outras. Acaba sendo um laço parecido com o que tu tens com aquele médico querido da família, que sabe tudo de

ti, mas o terapeuta tu visitas com mais frequência e mais seriedade”, afirma C.B. que também é formada em medicina.

Chamada de vínculo terapêutico pelos profissionais, ou ainda de transferência, a relação estabelecida nesses espaços cria, muitas vezes, uma necessidade exagerada de tratamento na vida dos seus usuários. “Conheço gente que não faz nada sem consultar o analista. É inevitável que, com o passar do tempo, tu fiques apegado àquilo que temos no consultório. Quando me acontece uma situação desagradável, a primeira coisa que penso é que quero falar logo pro meu terapeuta”, explica a médica.

Certamente a relação estabelecida dentro do consultório psicológico não pode ser comparada a uma troca entre cliente e vendedor ou a uma prestação de serviços, nem se assemelha a uma amizade, já que não há o compartilhamento de identidades. A falta de clareza na definição do relacionamento causa confusão entre pacientes. “Há um contrato estabelecido entre quem deseja falar e quem deseja escutar. É sim uma relação de confiança na qual se analisam os processos conscientes e inconscientes; a própria relação pode ser tomada como objeto de análise do processo terapêutico”, afirma Sandra Torossian, professora do departamento de Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia da UFRGS. Para ela, a relação estabelecida no espaço de tratamento é de cuidado

e pode ser objeto de análise na terapia, já que os padrões de comportamento costumam se repetir.

Sobre a dependência que alguns pacientes dizem sentir do tratamento, Torossian concorda que a terapia não pode durar para sempre: “É uma relação que envolve afeto, mas que inicia sabendo-se que vai acabar – diferentemente de um relacionamento amoroso, no qual se entra com a aposta de que não terminará”, comenta. Mas ela lembra que, em alguns momentos, a dependência do espaço para fala é comum, senão indispensável. “Na psicanálise, buscam-se as fraturas da racionalidade, que serão as que permitem uma análise das ligações e conexões de certos fatos e significações que muitas vezes nos escapam. O sujeito encontra alguém disposto a ouvir suas histórias a partir de uma lógica que não necessariamente respeita a racionalidade, ou somente o processo da consciência. Não se depende do terapeuta, mas do espaço aberto para o sujeito falar sobre suas questões”, explica a professora.

Os tratamentos psicanalíticos costumam ajudar os pacientes a administrarem seus conflitos e a encarar questões que não eram conscientes na vida da pessoa, mas que geralmente atrapalhavam o seu andamento. Os terapeutas, em geral, afirmam que a psicoterapia pode trazer benefícios para todos aqueles que buscam elaborar seus

conflitos. No entanto, Sandra Torossian alerta sobre o momento adequado para procurar esse tipo de ajuda: “A psicoterapia é benéfica para todas as pessoas, mas não necessariamente em todos os momentos. Tem algumas situações nas quais os indivíduos não se dispõem a empreender um trabalho terapêutico, que irá problematizar escolhas, rever algumas certezas... em geral as pessoas buscam a psicoterapia quando a vida lhes apresenta enigmas que não sabem resolver, ou quando se organiza um sofrimento que não se sabe como deslocar”.

No que se refere à eficácia do tratamento, a psicóloga Mary Georgina é categórica: “A psicoterapia, ao longo de muitas décadas, tem-se mostrado eficiente porque promove uma mudança profunda na capacidade das pessoas de lidar com a vida. Isso é, de certa forma, o que chamamos de cura em psicoterapia. A história moderna das doenças mentais mostrou que foi a compreensão da subjetividade humana que mudou o tratamento dos doentes”. A professora Sandra Torossian salienta que durante a terapia não se tratam somente os problemas, mas também as alegrias e potencialidades. “Tudo isso pode fazer com que o sujeito encontre alguns caminhos mais conectados com seus desejos”, afirma.

Natália Blumberg, estudante do 6.º semestre de Jornalismo da Fabrice



Papiro moderno

Leitura

A chegada do novo tablet da Apple ao mercado joga mais dúvidas sobre o já incerto futuro do livro

Ele pesa menos de 700 gramas, mas tem um status de gigante. Assim é o iPad, o novo lançamento da Apple que chegou ao mercado editorial causando tremendo alvoroço. O barulho não é para menos. Em apenas 28 dias, o *tablet* atingiu a marca de um milhão de aparelhos vendidos. No final de maio, as filas para ver o quadro da Mona Lisa foram superadas pelas filas para comprar o equipamento na loja do Louvre. Apontado como principal concorrente dos e-readers, o iPad é um computador em forma de prancheta eletrônica, com tela sensível ao toque, que além de permitir a leitura de e-books, como um e-reader comum, dispõe de funções como navegação na web, reprodução de vídeos e edição de documentos. A estimativa é de que sejam vendidos mais de 6 milhões de unidades até o fim do ano.

O lançamento, mais um capítulo da história do livro e da leitura (ver quadro), é visto com entusiasmo por alguns e com desconfiança por outros, que apontam o aparato eletrônico como um risco para o livro tradicional.

A professora do Departamento de Comunicação da UFRGS Ana Gruzinski discorda. Para ela, o livro digital não ameaça o livro impresso, mas o desestabiliza. “Nunca tivemos a experiência da transformação simultânea da técnica, da forma de suporte e da prática de leitura a um só tempo. E é isso que tem assustado tanto”, explica.

O livreiro em apuros – Com a popularização do livro digital, a figura do livreiro pode ficar ameaçada, já que os editores poderão alcançar mais facilmente o seu público, colocando em xeque a função de mediar a venda. Para o historiador Aníbal Bragança, professor da Universidade Federal Fluminense, essas mudanças vêm ocorrendo há bastante tempo no mercado editorial, mas a chegada de novos artefatos tecnológicos pode apontar novas tendências. “O mundo das livrarias está em crise desde a migração do comércio para os shoppings e a formação de redes de varejo. Assim, as chamadas livrarias tradicionais, de rua, com características específicas, já se reduziram muito em número e qualidade. As ‘novas’ livrarias, que são hoje minishoppings culturais, não terão dificuldades para incluir em seu cardápio de produtos os novos *gadgets*. Por outro lado, dependendo do sucesso que possam ter os leitores eletrônicos, a questão se deslocará para a disputa pelo fornecimento de conteúdos, o que poderá contribuir para novas transformações no mercado.”

No país, a Zahar saiu na frente, tornando-se a primeira editora a ter grande parte de seu catálogo disponível em versão digital. Em parceria com a Gato Sabido – primeira eBookstore nacional –, a empresa já disponibiliza cerca de 40 títulos em formato digital para e-books ou para atender à demanda dos leitores que preferem ler nas telas de computador. “Desde o início de 2009, a editora vem atualizando seus contratos e cerca de 40% dos autores já autorizaram a publicação de suas obras no formato e-book. O preço dos livros eletrônicos é aproximadamente 30% menor do que o valor de capa do livro impresso”, explica Isabela Santiago, gerente comercial da Zahar.

O custo menor é justamente a esperança de Isabela de diminuir a pirataria, outro problema que atormenta o mercado livreiro. A editora, que atende ao público universitário, é uma das que mais sofre com a reprodução indiscriminada de livros nas fotocopiadoras.

Já Aníbal Bragança não vê a questão com tanto otimismo assim. “A chamada pirataria ou difusão não controlada de textos será inevitável, mesmo que se criem novos mecanismos de controle. A cultura digital caminha a favor da circulação mais ou menos irrestrita de conteúdos, retomando, em outros termos, a questão do século XIX que discutia o interesse da sociedade *versus* o interesse econômico do autor ou criador. Entretanto, os direitos imateriais deverão contar com mecanismos de proteção”, afirma.

Compatibilidade e portabilidade – Muito em breve, essas duas palavrinhas, tão usadas cotidianamente quando o assunto é telefonia móvel, também farão parte do mundo da literatura. A diversidade de aparelhos e arquivos, muitas vezes não compatíveis, pode



O arquiteto Márcio Carvalho usa o iPad para apresentar portfólios em reuniões de trabalho

se tornar um empecilho entre os leitores que optarem pela nova plataforma.

Hoje, para se ter acesso a um texto, é necessário verificar a adequação entre o formato do livro (tipo de arquivo) e o dispositivo utilizado para sua leitura. Os formatos são tantos que a chance de o leitor comprar um livro num formato que o seu equipamento não leia é grande.

Em terras brasileiras – Com o preço nas alturas (pelo menos por enquanto), o iPad e os e-readers em geral ainda vão demorar a se tornar realidade por aqui. Além do fator financeiro, a segurança impede que os equipamentos eletrônicos portáteis fiquem mais populares nos países latino-americanos. “Quem se arriscaria a ler no ônibus ou no trem, por exemplo?”, questiona Ana Gruzinski.

Um dos primeiros a adquirir o iPad em Porto Alegre foi o arquiteto Márcio Carvalho. Com o aparelho em mãos desde início de abril, confessa que quando fez a encomenda do equipamento a um amigo não sabia direito como funcionava o *tablet* da Apple.

Nas mãos do arquiteto, o aparelho ganhou uma aplicação profissional: é utilizado diariamente para apresentar portfólios em reuniões de trabalho. Segundo Márcio, o tamanho da tela – maior que a de um iPhone – possibilita exibir imagens em alta resolução sem ter de carregar o peso de um computador portátil. “Além disso, o teclado virtual permite utilizar o editor de textos e enviar e-mails enquanto estou me deslocando, pois é muito fácil de carregar. A durabilidade da bateria, que chega a dez horas, é outra facilidade.”

Márcio conta que não utiliza muito o aparelho para leitura de textos literários, mas não esconde o encanto quando mostra a obra Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll. Em lugar de páginas em branco recheadas de letras pequenas, no iPad o livro é totalmente interativo. “Às vezes eu me pergunto: será que a gente precisa disso? Mas há dez anos, quem precisava de celular, não é mesmo? Acredito que esse seja só o primeiro passo. O próximo que virá é que será a verdadeira revolução”, diz o arquiteto.

Cadu Caldas, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabico

A revolução da leitura

“Apresentam-nos o texto eletrônico como uma revolução. A história do livro já viu outras!” A frase que abre o prefácio de “A aventura do livro: do leitor ao navegador”, do historiador francês Roger Chartier (vide resenha na coluna ao lado), é um resumo daquilo que o intelectual defende nas 160 páginas seguintes: o texto eletrônico é uma revolução, mas não a única enfrentada pelo campo da leitura. Do rolo antigo ao códice medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler.

Papiro – Criado pelos egípcios, o papiro era produzido a partir de partes de plantas típicas do norte africano. Com formato de cilindro, podia ser facilmente transportado e era desenrolado para a sua leitura. O comprimento total podia chegar a seis ou sete metros. Aos poucos o papiro foi cedendo espaço ao pergaminho, que, apesar de possuir uma aparência semelhante, era feito de excerto de couro bovino ou de outros animais e tinha uma durabilidade muito maior.

Códice – Com o passar dos anos, o texto passou a ser apresentado na forma de compilação de páginas, e não mais em rolo. O formato códice e o material pergaminho tornaram-se complementares, pois era muito mais fácil costurar códices de pergaminho do que de papiro. O códice permitiu que se começasse a pensar no livro como objeto, identificando definitivamente a obra com o livro. Além disso, com ele, o leitor passou a ter as mãos livres, podendo escrever enquanto lia, folhear a obra para procurar algum trecho específico e também marcar páginas.

Digital – Mesmo não obedecendo às características tradicionais do livro tal qual o conhecemos, surge no século XX o livro eletrônico, ou seja, o livro num suporte eletrônico, o computador. Mais recentemente, os livros virtuais também se tornaram portáteis e hoje podem ser lidos no e-readers ou em outro dispositivo que permita acesso a dados digitais, como alguns celulares.

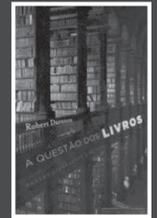
JU indica

A questão dos livros: passado, presente e futuro

Robert Darnton (tradução de Daniel Pellizzari)
Companhia das Letras, 2010, 1.ª edição, 232
págs. R\$ 42 (valor médio)

Este é um livro sobre livros, uma apologia descarada em favor da palavra impressa, seu passado, presente e futuro. É assim que Robert Darnton, diretor da Biblioteca de Harvard e um dos maiores estudiosos da história do livro, apresenta sua mais recente obra. Seguindo uma linha cronológica às avessas, ele divide o volume em três seções que reúnem artigos com especulações sobre o mundo do livro para a próxima década, discussões de temas atuais e reflexões sobre eras da informação mais antigas. “Acredito que qualquer tentativa de analisar o futuro ao mesmo tempo que lidamos com problemas do presente deva ser norteada pelo estudo do passado”, escreve Darnton.

“A Questão dos livros” traz também dois artigos do intelectual, publicados originalmente no *New York Review of Books*, que ganharam destaque internacional por trazer à tona críticas duras ao projeto Google Book Search. Grande entusiasta da ideia de tornar livros de domínio público disponíveis gratuitamente na Internet, Darnton tomou-se um dos mais ferrenhos críticos ao projeto da empresa norte-americana que pretendia vender assinaturas de bancos de dados digitalizados, compostos de livros protegidos por direito autoral, dividindo a receita com os autores que a processaram. Segundo ele, “quanto mais aprendia com o Google, mais a empresa me parecia um monopólio dedicado a conquistar mercados, em vez de ser um aliado natural das bibliotecas, cujo único propósito é preservar e difundir conhecimento”. (Cadu Caldas)



A aventura do livro: do leitor ao navegador

Roger Chartier (tradução de Reginaldo de Moraes)
Editora Unesp, 1998, 1.ª edição, 160
págs. R\$ 50 (valor médio)

Publicado pela primeira vez há mais de uma década, o livro é de uma atualidade impressionante, ainda mais se levarmos em consideração as grandes transformações que o mundo digital viveu nos últimos anos. A partir de uma série de entrevistas com o historiador francês, a obra apresenta as diversas relações que o livro pode desenvolver com o autor, o texto, o leitor, a leitura e a biblioteca. Com um apanhado de pinturas clássicas que retratam o livro em diferentes períodos, o volume foi um dos primeiros a contar a história da cultura livresca sob a perspectiva da ameaça da imaterialidade do texto eletrônico.

Para Chartier, “a obra não é jamais a mesma quando inscrita em formas distintas, ela carrega, a cada vez, um outro significado”. Na contramão do que se acreditava até então, ele defendeu que a interação entre texto e leitor é fortemente influenciada pelo suporte, que varia em função de sua forma de difusão e da percepção individual do texto no ato da leitura. (Cadu Caldas)





Padroeiro da canção

Música

Melodia, letra, composição e muito mais em um bate-papo com Luiz Tatit

Se a canção é mesmo o casamento entre a melodia e a letra, como diz Luiz Tatit, poderíamos considerá-lo um Santo Antônio da música popular brasileira. Estimado como um dos principais teóricos da canção no país, poucos artistas conseguem celebrar essa união tão bem quanto ele.

Dono de uma voz mansa, o paulista de 58 anos, músico, escritor e professor do Departamento de Linguística da USP esteve no final de maio na UFRGS, participando da audição comentada de *Sem Destino*, seu mais recente álbum. O encontro, promovido pelo Departamento de Difusão Cultural, fez parte das atividades do Núcleo de Estudos da Canção, que realiza reuniões mensais com o objetivo de promover um espaço permanente para a troca de conhecimentos sobre essa modalidade artística. O Jornal da Universidade apresenta a seguir trechos do bate-papo que o artista teve com a plateia em quase duas horas de conversa.

Público – Quanto tempo costuma durar o processo entre o início e o término da criação de uma canção? Luiz Tatit – Varia muito. Algumas vezes, por causa de uma frase, você demora um tempo enorme para terminar, em outras, se consegue resolver tudo no mesmo dia. Para se ter uma noção de como isso é antigo, uma vez li um depoimento do Ismael Silva em que ele conta sobre a composição daquele samba que diz “Nem tudo que se diz se faz. Eu digo e serei capaz” [Nem é Bom Falar, 1931]. Ele fez aquele trequinho e parou. E acabou demorando dois anos para conseguir escrever a frase seguinte. Para mim, isso acontece muito. Algumas



“Em todas as épocas temos necessidade de dizer coisas com melodias, independentemente de quais sejam”

vezes a dificuldade é tanta que é preciso buscar uma ajuda. Antigamente, as parcerias eram feitas assim: você faz uma parte e eu faço a segunda. Atualmente não. Funciona mais com melodia e letra. Você faz a melodia todinha e entrega para o parceiro, que faz a letra todinha. Também se pode fazer primeiro a letra e depois a melodia, mas não é o mais habitual nem o preferível. Porque, se a melodia vem primeiro, você já tem a maneira de dizer. O que dizer é o de menos. A forma é que importa.

Público – Algumas letras parecem tão construídas que fica difícil de acreditar. A canção *Essa é para Acabar*, por exemplo, não partiu de uma ideia de criar uma música para terminar o show?

Tatit – Não. Quando cheguei nessa frase ‘Essa é para acabar’ é que comecei a pensar nessa possibilidade. Quando estava armando as outras estrofas,

não tinha de forma alguma pensado que ela poderia servir para terminar o show. Na verdade, é muito raro uma canção nascer de uma ideia. É possível, mas não gera as melhores canções, que começam a partir de fragmentos, de frases soltas. Quem faz letra ou melodia e está pensando em produzir uma canção, em última instância, tem que procurar uma relação entre melodia e letra. Porque você não está fazendo poesia, nem falando sobre tema nenhum, nem fazendo música. Está criando algo diferente, que junta melodia e letra. Porque, se você não usa a entoação que está por trás, não convence quem está ouvindo. Tem melodias que não cabem em algumas letras, e não é qualquer letra que cabe em uma melodia. Então, é preciso cantarolar para saber se alguém poderia falar aquilo daquele jeito.

Público – Aqui no sul tem um compositor chamado Vitor Ramil que

musicou poemas de Jorge Luis Borges e de João da Cunha Vargas.

Tatit – Já houve várias tentativas nesse sentido. Aliás, há uma série de compositores que gostam de pegar poesia para musicar. Mas é mais difícil, porque aquilo não foi inventado para ser dito e algumas vezes não dá bom resultado. Por isso, digo que não é o preferível, mas claro que dá para fazer. Eu também já fiz essa experiência de partir de letras prontas que deram certo. Nesse novo álbum, por exemplo, tem a faixa *Sem Palavras*, feita em parceria com a Alice Ruiz, e Quem Sabe, com o Itamar Assumpção. Normalmente os temas vêm das experiências que o artista viveu. O Chico Buarque nunca quis fazer uma música de protesto. No entanto, ele vivia naquela época, e acabava saindo até por raiva da canção anterior que havia sido censurada. Os implícitos dos versos acabam indicando uma crítica à censura e ao momento histórico.

Público – Você acha que uma letra ou uma melodia muito eloquente prejudica o cancionista ou depende da habilidade do artista?

Tatit – Você não imagina o peso desse pacote na faixa *Sem Palavras* que escrevi com a Alice Ruiz. Fazer melodia para aquela letra foi muito difícil. Foi bem complicado fazer os encaixes. São desafios, e aí depende um pouco da habilidade mesmo. Eu quase desisti de Relembrando Nazareth, que fiz com o Capiba justamente por causa da terceira parte. A melodia estava pesada demais para a letra. E o contrário também ocorre. Quando você recebe uma letra pronta enorme para pôr melodia chega até a dar preguiça. Mas quando a letra é grande porque você foi fazendo aos poucos não tem problema. Daí não se sente tanto o peso de que você estava falando.

Público – Até onde o teu trabalho teórico como semiótico influencia tuas canções?

Tatit – Jamais senti que a minha formação intelectual e analítica determinasse a minha canção. Mas, como eu disse antes, acaba vazando, porque faz parte da sua biografia. Mas não determina. Qual era o tema do Roberto Carlos e do Erasmo Carlos na Jovem Guarda? Mulheres, carros, calhambeques, amor. Ou seja, a vivência deles era essa. Eles só sabiam falar disso. E era o que dava o maior ódio à MPB da época, que queria falar da questão da terra, da reforma agrária, e eles só falavam de broto e tal. Já a vivência do Vandrê, do Edu Lobo era outra, e isso vazava nas composições deles. Então, claro que muitas vezes, enquanto estou compondo, noto que vaza alguma preocupação teórica qualquer, mas isso é mais pela questão da minha própria biografia. Jamais por uma questão analítica, pois seria mais ou menos como dizer que o Umberto Eco fez “O nome da rosa” porque conhecia muito bem estruturas narrativas. Não tem nada a ver. Ele precisou de uma habilidade tremenda de romancista para fazer aquilo.

Cadu Caldas, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabico

No tom

“Música é um lugar de estar feliz”, disse Déa Trancoso ao iniciar a oficina que ministrou na véspera de seu show para o projeto Unimúsica, realizado em 6 de maio. Em círculo, os cerca de 50 inscritos esperavam em pé no palco do Salão de Atos. Então, sob a orientação da cantora, *Ondé qué menino, ondé qué, cadê co vô lá*, cantou uma metade do público, enquanto a outra, ao mesmo tempo, *A ave de noite vagueia, procurando encontrar uma estrela que clareia, para nos iluminar*. Com o andamento, uma dança sutil surgia naturalmente em cada pessoa. Em outro instante, grupos cantavam um mesmo fragmento em diferentes tons, do grave ao agudo. E dessa diversidade surgia a harmonia. A polifonia uníssona no palco era como um mundo mágico em contraste com o silêncio escuro do entorno. Quando a cantora e uma participante fizeram um dueto no *tilelé-olê-o*, um breve silêncio antecedeu os aplausos.

Toda vez que ia dormir, a menina Alcideia, ou simplesmente Déa, ouvia os tambores de um terreiro de umbanda próximo. Ela nasceu em Almenara, na região do Vale do Jequitinhonha, con-

siderada o “Pernambuco” de Minas Gerais, templo das folias de reis, do congado, do catimbó, do caboclinho e de tantas outras manifestações. “A cultura popular manda no povo mineiro, e o nordeste é a própria cultura popular ambulante”, pondera.

No dia seguinte à oficina, Déa foi recebida por um Salão de Atos lotado. De vestido branco e circundada por sete jovens percussionistas, pela primeira vez em sua vida abriu um show que combinava percussão e voz, realizando um sonho de 20 anos. Parte das músicas que apresentou estão no disco “Tum tum tum”, resultado de 12 anos de pesquisa de canções da cultura popular brasileira que, em sua maioria, estão ligadas a alguma fé religiosa – assunto que a cantora valoriza: “Existem manifestações de vários povos que há muito já conversavam com Deus”.

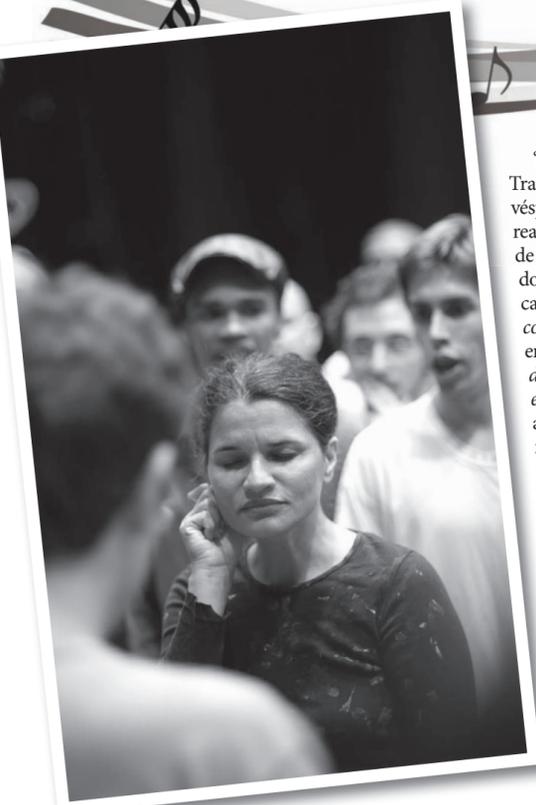
A plateia sentiu a atmosfera mágica que emanava do palco. A música de Déa Trancoso, acompanhada das percussionistas Analu, Alcione Oliveira, Bruna Bizzotto, Daniela Rennó, Flora Lopes, Milagros Vazquez e Samantha Rennó, vem de paragens distantes, mas traz em si universalidade, beleza e essência. Daniela, com as gotas musicais do vibrafone, conquis-

tou aplausos do público. Tambores, pandeiros, triângulo, congas, a voz ora acompanhada, ora solitária de Déa.

Em sua trajetória ela sentiu-se abençoada com mais uma graça: a composição. Na capital gaúcha, apresentou pela primeira vez uma música de sua autoria. A menina que um dia ouvia seu avô Arthur dedilhar as melodias do sertão; que buscava o pai de suas boemias e aprendia com ele o samba; que saiu pelo país a disseminar a cultura popular, extasiou a plateia: *seu destino tornou-se então menino, iluminou*.

Ao fim do show, a cantora agradeceu “ao Criador da Vida porque permite que a gente esteja aqui fazendo música, e a vocês que vieram ver; tá cheio de gente pra uma desconhecida como eu”, falou sorrindo. Com suas companheiras de palco, ela ainda cantaria mais duas músicas a pedido do público, para ser aplaudida de pé, admirada por olhos reluzentes. Tanto na oficina quanto no show não pareceu sequer que existia o tempo. Foi um retrato de eternidade – de um lugar de felicidade que podemos visitar de vez em quando. Déa, a honra é nossa!

Diego Mandarin, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabico



DESTAQUE

Palco para o erudito

Música

Parceria cultural com Fundação Ecarta abre oportunidade para jovens músicos do Instituto de Artes



Para Marcel Estivalet, projeto é crucial para novos talentos

A coordenadora do projeto Ecarta Musical, Elenice Zaltron, percebeu que o público da Fundação Ecarta preferia música erudita, pois a frequência era maior quando algo era promovido nessa área. Por isso, resolveu focar a programação cultural da Fundação na música clássica. Como o professor Daniel Wolff era um velho conhecido, surgiu a ideia de criar uma parceria com o Departamento de Música do Instituto de Artes. Desde maio, os estudantes de música da UFRGS realizam a abertura dos espetáculos do Ecarta Musical, projeto que acontece quinzenalmente aos sábados. Dessa forma, criou-se a mistura do erudito com o popular. "Também é uma oportunidade para eles se apresentarem fora da Universidade", diz Elenice.

Cursando o último semestre, Marcel Bauer Estivalet ingressou no curso de Música em 2006. O estudante de violão realizou a abertura do espetáculo *De bossa em samba*, em 22 de maio. "Quanto à questão erudito/popular, me divirto com a ocasião, pois faz parte do meu cotidiano. Para mim, essa divisão é superficial. Toquei obras do período clássico italiano e do impressionismo espanhol, depois Márcio Celi e Roberto Haag fizeram seu show de bossa e samba. No camarim nos divertimos bastante e, após o espetáculo, trocamos elogios. Também estava lá o guitarrista Jefferson Marx, com quem bati um papo rápido sobre os dedilhados do instrumento. Isso tudo para dizer que música erudita é popular, uma bebe da outra, e daí nascem tantos outros gêneros difíceis de denominar, principalmente no Brasil." Em função de um momento de globalização acentuada, Marcel considera propício esse tipo de "casamento". Ele, que começou

a estudar violão aos 12 anos, mas cuja dedicação profissional à música veio aos 24, conta: "Quando iniciei o curso de graduação, comecei a ouvir mais música erudita, e logo pensei: quanta coisa bonita está escondida e poderia ser mostrada. Agora pode".

Marcel receia que qualquer expressão que use não seja suficiente para agradecer a iniciativa da Ecarta junto aos professores do Departamento de Música. "Durante todo curso não fiquei sabendo de algo semelhante. Esse tipo de oportunidade é crucial para o estudante de Música fazer a transição entre a formação acadêmica e o desempenho profissional. A ideia de abrir espetáculos aproxima o aspirante dos músicos profissionais, e vice-versa. A equipe do Ecarta trata o estudante como profissional e com muito respeito, um exemplo a ser copiado. Além disso, a casa é milagrosamente aproveitada como um teatro, com cadeiras confortáveis e acústica acolhedora. Enfim, o projeto é excelente e uma luz para tantos talentos que se formam e se formaram no Instituto de Artes sonhando em ir para uma cidade com circuito artístico mais promissor", conclui o estudante.

Em 10 de julho, o recital de abertura do Ecarta Musical para a apresentação de Pedro Huff será com o aluno Leonardo Winter. Dois sábados depois, em 24 de julho, o estudante Felipe Magdaleno realiza recital antes do show de Flávio Brasil. Os espetáculos iniciam às 18h, com entrada franca, na sede da entidade. Mas Marcel Estivalet dá a dica: "Os recitais têm lotado e tem ficado gente de fora. É bom chegar pelo menos uns 15 minutos antes". Mais informações pelo site www.fundacaoecarta.org.br.

CINEMA

Imagens, Fragmentos e Cenas de Amor

Ciclo da Sala Redenção organizado especialmente para o mês dos namorados.

ASSÉDIO (ITA, 1998, 93 min), de Bernardo Bertolucci
Jovem africana foge para a Inglaterra quando seu marido é preso como subversivo. Lá, decide cursar medicina e, para pagar os estudos, emprega-se como doméstica na casa de um pianista solitário.
Sessão: 28 de junho (segunda-feira), às 16h

UM HOMEM, UMA MULHER



(FRA, 1966, 102 min), de Claude Lelouch
Piloto de corridas e roteirista de cinema, ambos viúvos recentes, se conhecem ao visitarem seus filhos num colégio interno e iniciam um romance.
Sessão: 28 de junho (segunda-feira), às 19h

A MUHER DO LADO (FRA, 1981, 101 min), de Francois Truffaut
Gerente de um clube de tênis conta os trágicos fatos acontecidos quando um homem casado percebe que a mulher do novo inquilino foi sua amante no passado.
Sessão: 29 de junho (terça-feira), às 16h

O LEITOR



(EUA, 2008, 123 min), de Stephen Daldry
Na Alemanha pós-guerra, adolescente se envolve com uma mulher que tem o dobro de sua idade.

Até que ela desaparece misteriosamente. Oito anos depois, o estudante de Direito reencontra o passado, acompanhando um julgamento de criminosos nazistas.
Sessão: 29 de junho (terça-feira), às 19h

"U.S.A. Não Abusa!" Os Estados Unidos da América em Tempos de Guerra

Projeto de extensão que analisa a história dos EUA a partir dos conflitos bélicos. Ingressos a R\$ 3.

13.ª Jornada - Guerra de Independência, última vez: os Estados Unidos e os extraterrestres

INDEPENDENCE DAY



(EUA, 1996, 144 min), de Roland Emmerich
Cientistas e militares combatem invasão alienígena que planeja roubar os recursos naturais da Terra. Com Will Smith, Bill Pullman e Mary McDonnell.
Debatedores: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli e José Orestes Beck
Sessão: 26 de junho, às 15h30min

Cine Doze e Trinta

As opções de filme deste mês são de Tim Burton, do recém-lançado *Alice no País das Maravilhas*. A obra do diretor é marcada pelo fabuloso. A votação pode ser feita até 24 de junho no site www.difusaocultural.ufrgs.br.
Sessão: 29 de junho, às 12h30min
Local: Auditório do ILEA
Entrada franca

O ESTRANHO MUNDO DE JACK (EUA, 1996, 76 min)

A NOIVA CADÁVER (EUA, 2005, 78 min)

A FANTÁSTICA FÁBRICA DE CHOCOLATE (EUA, 2005, 106 min)

EXPOSIÇÕES

Eu Sou Você



Com curadoria da equipe do Museu da UFRGS e das professoras Tania Mara Galli Fonseca (Instituto de Psicologia) e Blanca Brites (Instituto de Artes), a mostra traz a público documentos históricos do Hospital Psiquiátrico São Pedro e obras expressivas de quatro pacientes psiquiátricos, selecionadas a partir do Acervo da Oficina de Criatividade do Hospital. Também estão presentes intervenções realizadas por artistas convidados, em situações de diálogo com o lugar e sua história.

Visitação: até 20 de agosto, de terça a sábado, das 10h às 17h
Local: Hospital Psiquiátrico São Pedro
Entrada franca

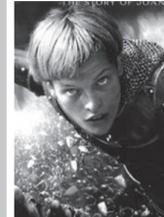
Desenvolvimento Sustentável, Por Que? A Biodiversidade. A Energia.



Fotografias da Terra do fotógrafo, jornalista e ambientalista francês Yann Arthus Bertrand, denunciando as agressões que o ser humano faz a sua própria casa. Parceria do Museu da UFRGS com a Aliança Francesa de Porto Alegre.
Visitação: até 23 de julho, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h
Local: Museu da UFRGS
Entrada franca

CURSOS

V Seminário de Estudos Medievais



Promovido pelo Grupo de Estudos Medievais. O tema é *Imagens de Joana d'Arc: Idade Média, Cultura e Representações*, e um dos objetivos é debater o uso do cinema e da literatura em pesquisa histórica.
Data: 12 a 16 de julho
Local: Faculdade de Economia
Informações: www.gestudosmedievais.ufrgs.br

Preservação de Patrimônio Cultural

Curso de extensão visa ao aperfeiçoamento dos profissionais da área e à conscientização geral. Promovido pelo Museu da UFRGS, Secretaria Municipal de Cultura, Secretaria do Patrimônio Histórico da Universidade e Associação de Conservadores e Restauradores de Bens Culturais do Rio Grande do Sul (ACOR/RS).

ASPECTOS CONCEITUAIS E ESTUDOS DE CASO NA PREVENÇÃO AO TRÁFICO ILÍCITO DE BENS CULTURAIS
Com Cláudia Cabouli e Vivian Diniz
Data: 24 de julho (sábado)
Local e horário: Sala II do Salão de Atos, das 8h30min às 13h
Reserva de vagas: cursoaccorrs@gmail.com
Informações: (51) 3308-3390 e 3308-4022

ONDE?

Auditório do ILEA
Av. Bento Gonçalves, 9.500 - prédio 43.322
Fone: 3308-6941

Faculdade de Ciências Econômicas
Av. João Pessoa, 52
Fone: 3308-3311

Fundação Ecarta
Av. João Pessoa, 943
Fone: 4009-2970

Hospital Psiquiátrico São Pedro
Av. Bento Gonçalves, 2460
Fone: 3308-4022

Museu da UFRGS
Av. Osvaldo Aranha, 277
Fone: 3308-4022

Plenário da Reitoria
Av. Paulo Gama, 110 - térreo
Fone: 3308-3034

Sala Alzira Azevedo
Av. Salgado Filho, 340
Fone: 3308-4318

Sala Redenção
Rua Luiz Englert, s/n.º
Fone: 3308-3933

Salão de Atos
Av. Paulo Gama, 110
Fone: 3308-3066

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 3226-0242

MÚSICA

OSPA-UFRGS

CONCERTO DE GALA
Festival Beethoven, com a regência do maestro Isaac Karabtschewsky, tendo como solista Arnaldo Cohen. A renda será revertida para a construção do Teatro da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre.
Data: 26 de junho (sábado)
Local e horário: Salão de Atos, às 20h30min
Ingressos: R\$ 100 a R\$ 200 na bilheteria do Teatro do Bourbon Country e Teletrega
Ingresso Show - (51) 8401-0555 ou 3299-0800

CONCERTO OFICIAL
A Orquestra interpreta M. Mussorgsky - Uma noite em Monte Calvo (R. Korsakov); S. Koussevitzky - Concerto para Contrabaixo, op.3, em Fá menor; e A. Khachaturian - Suite Masquerade. Regência de Antônio Carlos Borges-Cunha. Solista: Milton Masciadri.
Data: 29 de junho (terça-feira)

Local e horário: Salão de Atos, às 20h30min
Ingressos: R\$ 20 na bilheteria do Salão de Atos, a partir de 28 de junho

12.º CONCERTO OFICIAL
Programa: M. Balakirev - Islamey (arranjo Alfredo Casella); F.J. Haydn - Concerto para trompete e orquestra em Mib; D. Shostakovich - Sinfonia n.º 5, Op. 47, em ré menor. Regência de Antônio Carlos Borges-Cunha. Solista: Elieser Ribeiro (trompete).
Data: 6 de julho (terça-feira)

Local e horário: Salão de Atos, às 20h30min
Ingressos: R\$ 20 na bilheteria do Salão de Atos, a partir de 5 de julho

4.º CONCERTO PARA A JUVENTUDE
Obras: M. Mussorgsky - Uma noite no monte calvo; P.I. Tchaikovsky - Concerto p/ violino e orquestra - II movimento; P.I. Tchaikovsky - Sinfonia n.º 6 - "Patética" 4.º Mov. e Excerpts; A. Katchaturian - Suite

Masquerade, sob a regência do maestro Manfred Schmiedt. Solista: Alejandro Drago (violino).
Data: 11 de julho (domingo)
Local e horário: Salão de Atos, às 11h
Ingressos: R\$ 1 na bilheteria do Salão de Atos

Unimúsica

OFICINA COM ARI COLARES



Data: 30 de junho (quarta-feira)
Local e horário: Palco do Salão de Atos, às 20h
Entrada franca

SEIS EM CENA
O denominador comum entre os percussionistas Ari Colares, Zezinho Pitoco, Caio Marcondes e Sérgio Reze e o violoncelista Dimos Goudaroulis é a gravadora e produtora independente Núcleo Contemporâneo. No Unimúsica, eles se encontram com Adolfo Almeida Jr., primeiro fagotista da OSPA e membro dos grupos Arthur de Faria e Seu Conjunto e Ex-Machina.
Data: 1.º de julho (quinta-feira)
Local e horário: Salão de Atos, às 20h
Entrada franca com retirada de senhas a partir de 28 de junho

Sarau no Arena

O Teatro de Arena de Porto Alegre e o Departamento de Música da UFRGS criaram uma parceria cultural que promove um evento musical na última terça-feira de cada mês. Os encontros têm apresentação dos

instrumentos - com explicações sobre os mesmos e sobre as músicas a serem tocadas. Coordenação do professor Fernando Mattos.

DUO CANTILENA
Data: 29 de junho (terça-feira)
Local e horário: Teatro de Arena, às 18h30min
Entrada franca

Interlúdio

Parceria entre o Departamento de Difusão Cultural da Pró-Reitoria de Extensão e o Departamento de Música do Instituto de Artes da UFRGS, o projeto traz uma série de recitais de alunos da Universidade.

FLAUTARIUM
Data: 28 de junho (segunda-feira)
Local e horário: Sala Fahrion, às 12h30min
Entrada franca
Informações no site www.difusaocultural.ufrgs.br ou pelos fones 3308-3034/3933

TEATRO

Mostra de Teatro DAD 2010/1

Mostra que apresenta a produção teatral dos alunos do Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes.

CLAIRE NÃO MORA MAIS AQUI



A intimidade de uma mulher entre lembranças, jazz, samba e doses generosas de uísque. Trabalho de Clara Alencastro para a disciplina Estágio de Atuação I, com orientação de Tatiana Cardoso. Elenco: Clara Alencastro e Carina Dias. O texto é da própria aluna, baseado na obra *Um Equilíbrio Delicado*, de Edward Albee.

Sessão: 28 de junho (segunda-feira)
Local e horários: Sala Alzira Azevedo, às 12h30min e às 20h30min
Entrada franca

Teatro, Pesquisa e Extensão

Oitava edição da Mostra Anual Universitária de DAD.

QUEM TEM MEDO DE VIRGÍNIA WOOLF?
Peça do dramaturgo Edward Albee sobre um casal de meia idade, com acusações e ressentimentos. Direção de Eve Mendes, com orientação dos professores Francisco Almeida e Rodrigo Ruiz. Elenco: Alexandre Borin Antunes, Tefa Polidoro, Karine De Bacco e Marcelo Pinheiro. Sessão: 30 de junho (quarta-feira)
Local e horários: Sala Alzira Azevedo, às 12h30min e às 19h30min
Entrada franca

Meu Lugar na UFRGS



MARTINA MORSCH/JU

Nos bares, entre um cappuccino e outro

Quando Suzi fez seu primeiro vestibular para Psicologia, tendo Letras como segunda opção, não imaginou que passaria 14 anos dentro da Universidade frequentando cinco bares (os quais considera seus lugares na "mãe UFRGS"). Suzana Feldens Schwertner, natural de Estrela, graduou-se em Psicologia em 2001. Em seguida, realizou o mestrado e o doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação – tudo isso entre um cappuccino e outro.

Ela iniciou o curso de Letras em 1996, achando que seria uma boa oportunidade para estudar inglês. Foi lá no Câmpus do Vale que conheceu o Bar do Antônio: "No primeiro ano de vida universitária, foi o meu contato inicial para entender como funcionava essa Universidade, admirando o câmpus verde que lembrava o interior. O acolhimento do bar poderia significar um encontro com os colegas, trabalhos em grupo, uma hora de almoço corrida ou um espaço pra descansar".

Porém, no ano seguinte, a estudante Suzi – como é chamada no ambiente dos bares e também em sala de aula – resolveu tentar entrar na Psicologia mais uma vez. Foi aprovada no vestibular. Frequentando o curso, mergulhou no universo do Bar do Jobim: "Era muito famoso e movimentado na época no Instituto de Psicologia, até porque o próprio DAP era ali dentro: fato que já mostrava o quanto o bar era um lugar importante", avalia.

No meio da graduação, a aluna da Psicologia tornou-se bolsista de Iniciação Científica na Faculdade de Educação. "E vim pro Bar do Antônio, aqui do Câmpus do Centro, que era então o nosso lugar favorito para passar um tempo, beber um café, ler o jornal do dia. Ali planejavamos muitos trabalhos e apresentações de pesquisas", narra. Ela vai mais além e dá sugestões: "A minha dica no bar do Antônio é o cappuccino da casa. Para quem curte algo muito doce, como eu, esse café é especial, tem um pouco da marca daqueles tempos". Suzana conta que, sempre que tem um tempinho, aproveita para degustar o saudoso café – o que aconteceu também após a gravação da entrevista para a UFRGS TV.

A próxima parada foi o Bar da Faced, quando iniciou de fato no PPGEDU. "Aquele lugar marcou mais a fase da pós-graduação. Foi um período de conhecer muitas pessoas, e sempre pensei o quanto a Educação tem de 'braços

abertos'. E não apenas para os cursos diferentes, mas para pessoas que vêm de outros locais do país também." Celebrando a diversidade na Universidade, a psicóloga e doutora em Educação considera impossível – ou no mínimo equivocado – sair da Universidade sem ser tocado por esses diferentes.

Na metade final do doutorado, o Bar da Educação entrou em reforma, e Suzi e sua turma tiveram de mudar-se para o Bar da Arquitetura. "Muito ali se discutiu sobre conceitos, projetos, planos de aula." Ela fala de uma ética da convivência e diz que nesse lugar há a oportunidade de encontrar pessoas de maneira fortuita. "Fazer uma apologia do bar como espaço quase acadêmico significa legitimar quanta coisa produzimos nesse ambiente, nas conversas que muitas vezes parecem insignificantes. Acho que esse continuar para além das paredes da sala de aula é fundamental para a nossa formação."

A entrevista foi realizada em meio ao 6.º Salão de Ensino, para o qual Suzana veio de Lajeado (onde atualmente mora com o marido e mantém um consultório de Psicologia) especialmente para apresentar um trabalho. Ela também aproveitou para retirar o seu diploma de doutora – defendido em 8 de março de 2010, "Dia da Mulher", como gosta de frisar. Contudo, a maior alegria tinha vindo no dia anterior: soube que seu projeto de pesquisa para o pós-doutorado júnior (para quem concluiu o doutorado em até 5 anos) foi aprovado pelo CNPq e foi concedida uma bolsa para desenvolvê-lo no PPGEDU. Suzana continua membro do Núcleo de Estudos sobre Mídia, Educação e Subjetividade (Nemes) e fã de cappuccinos.

Para a pesquisadora, cujo foco é a relação interpessoal, o bar é também um local de desabafo. Ali, podem-se fazer refeições e ler textos. O barulho não incomoda? "Esse de conversas, não, porque o bar é vida", responde uma Suzi convicta.

Caroline da Silva

Esta coluna resulta de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET às segundas, terças, quintas e sextas-feiras, a partir das 21h30min.

Perfil Um homem de família

Medicina
Desde guri Odalci José Pustai planejava ser um médico diferente

Jacira Cabral da Silveira

O chimarrão é rigorosamente preparado com a mesma marca de erva há mais de 10 anos. A temperatura da água é controlada com um termômetro especial e, caso a safra não corresponda à exigência do mateiro, o dono da banca no Mercado Público de Porto Alegre já vai logo dizendo: "É claro que troco, doutor".

Odalci José Pustai é professor da Faculdade de Medicina da UFRGS desde 1990 e tanto em seu gabinete, no prédio da Psicologia, quanto na unidade de atenção primária em saúde em que trabalha no Hospital de Clínicas é comum vê-lo com a cuia nas mãos, chimirreando e conversando com os residentes, alunos ou pacientes.

Filho de dona Faron e seu Alvis, como ele e os nove irmãos chamavam os pais já falecidos, Odalci nasceu no interior de Campinas das Missões, perto de Santa Rosa. A casa grande onde cresceu permanece conservada e é o local do encontro anual da família, que ocorre entre o Natal e o Ano Novo.

A cada nova edição da festa, um dos irmãos fica responsável pela organização e temática do encontro. Este ano, a incumbência tocou para Odalci, que está preparando a publicação de um livro com os textos dos irmãos, contando um pouco da infância de cada um. A história que Odalci vai colocar no livro foi escrita para auxiliar seus filhos em um tema de escola, quando os pais deveriam relatar uma perallice de infância.

Desculpando-se de cara com "é só brincadeira de criança", ele conta detalhadamente:

"Eu devia ter uns 10 anos quando fazia essa brincadeira. A gente ia pra escola e passava por uma ponte no rio Pesseguero, que tinha um ninho de abelhas dentro dos canos das proteções laterais. Como não tinha medo, porque meu pai criava abelhas em casa, eu fazia uma brincadeira com os outros alunos. Ia até a cabeceira da ponte e ficava esperando eles passarem para chacoalhar o cano. A gurizada saía correndo loucamente. A maioria era da cidade e, como eu era do interior, era a minha chance de mostrar um poder que os outros não tinham, uma maneira de eu me vingar um pouco, porque seguidamente tinha problema com os meninos da cidade."

Um dia essa brincadeira tomou um rumo diferente e sobrou para Odalci. "Peguei um saco de cinco quilos, botei na boca do cano, chacoalhei, e todo o enxame entrou no saco. Fiz um nó que ninguém podia ver. Quando cheguei no colégio, aquilo virou uma balbúrdia. Eu corria atrás de todo mundo, e a gurizada gritava pelo pálio. Mas isso era antes de começar a aula, e eu pensei que essa brincadeira ia ficar bem interessante na hora do recreio, então levei as abelhas pra dentro da sala e coloquei debaixo da minha classe. Ai, um primo meu, que também não tinha medo de abelha, quis participar da brincadeira, mas do jeito dele. Ele tinha um canivete bem grande



FLÁVIO DUTRA/JU

Aprendi que o mundo da medicina era muito marcado pela hierarquia

e... Resultado da história: Odalci ficou até o final da aula de ajoelhado no milho.

Das primeiras escolhas – Ainda durante a meninice em Campinas das Missões, outras duas histórias viriam marcá-lo profundamente, levando-o a escolher a futura profissão. Distante da capital, muito cedo pôde perceber o quanto famílias como a dele sofririam com a falta de acesso a um atendimento médico rápido e adequado.

Numa tarde de trabalho, cortando lenha com uma serra circular, o pai de Odalci foi atingido gravemente na cabeça por uma tora de madeira. Ele e o irmão correram à cidade, levando o pai ferido, mas o único médico havia viajado e ninguém sabia quando voltaria. Antes de chegar o atendimento do município vizinho, o padre já havia lido a extrema unção. O desfecho feliz, entretanto, só reforçou sua decisão de tornar-se médico de família.

A outra passagem deu-se com a mãe, dona Faron, que entrou em depressão profunda depois do último parto, implicando um longo e dispendioso tratamento e obrigando a venda das melhores terras da família. Ela se recuperou, só que a condição econômica familiar ficou muito abalada.

Já formado, depois de cursar Medicina, com ênfase em Medicina de Família, na Universidade Federal de Pelotas, Odalci foi convidado a coordenar a implantação das Ações Integradas de Saúde em Tenente Portela, beneficiando as famílias da região, inclusive a população indígena do Toldo da Guarita e de São João do Irapuã. É nessa época que encontra a enfermeira Adelaide, sua futura esposa.

À sala de aula – Missão cumprida? Ainda não. "Tínhamos enormes dificuldades em arranjar médicos para trabalhar. Além da falta de qualificação profissional adequada a esse modelo, havia também a questão do mercado privado, que absorvia os profissionais pela perspectiva de ganhos maiores." Foi quando Odalci começou a pensar firmemente em fazer pós-graduação para atuar na formação de médicos de família.

Até porque, ele e os outros profissionais de saúde envolvidos no projeto de Tenente Portela foram demitidos, devido à pressão dos médicos da região, que temiam a concorrência de um sistema de saúde público. Pedro Simon, então candidato ao governo do estado, intercedeu em favor da classe médica local e o prefeito acabou cedendo. "Fui denunciado no Conselho Regional de Medicina sob a alegação de estar trabalhando para prejudicar a medicina privada".

Mais uma vez Odalci aprendia sobre relações de poder, jogos de interesses econômicos e sobre uma medicina privada dependente das benesses do Estado, o que dificulta a implantação de um sistema de saúde com remuneração adequada. Anos antes, quando trabalhou como auxiliar de enfermagem num hospital em Novo Hamburgo, viveu uma série de situações constrangedoras. "Aprendi que o mundo da medicina era muito particular, muito marcado por uma hierarquia conforme a qual o médico ocupava uma posição, e os demais ocupavam outra, subserviente."

Então, em 1989, ele passou no concurso para professor auxiliar na Faculdade de Medicina da UFRGS, exatamente em Atenção Primária em Saúde. Já na Universidade, fez mestrado em Ciências Sociais da Saúde, na Sociologia, e doutorado em Educação.

Atualmente, é professor da disciplina de Métodos de Abordagem em Saúde Comunitária e também atua no Internato de Medicina de Família e Comunidade, modalidade que ele ajudou a criar em 1999.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local



Jogo amistoso na Aldeia Anhetenguá, localizada na Lomba do Pinheiro.

Quando o mundo para!

TEXTO E FOTOS ANTÔNIO FLORES CRUZ NETO



A Copa do Mundo de Futebol, além de seu significado no campo esportivo, representa um momento em que a humanidade volta suas atenções para o mesmo fato, de maneira integrada. Tempo em que “amarelos”, “brancos”, “pretos” e “vermelhos” interagem em igualdade de condições na busca de seus objetivos. O universo esportivo – em

muitas ocasiões – representa um reflexo daquilo que ocorre em nossa sociedade, evidenciando seus problemas e virtudes. O JU apresenta nesta edição um ensaio fotográfico a respeito da paixão do brasileiro pelo futebol. Para tanto, buscou registrar diversos momentos de sua prática, demonstrando, assim, os múltiplos significados que o esporte mais popular do mundo pode

conter: a quebra de preconceitos, a superação, a veneração, a ausência de fronteiras, a saúde física e mental, e a confirmação de que se trata de um meio eficaz para a consolidação do caráter do ser humano. Assistir à Copa, jogar uma partida de futebol ou realizar um registro fotográfico permitem-nos ter a grata sensação de que o mundo, por instantes, para!



Lara Schüler, a “Robinha Gaúcha”, brinca no campo do S. C. Taquarense

Treinamento do time de futebol de salão da ACERGS no ginásio do E. C. Cruzeiro



ANTÔNIO FLORES CRUZ NETO, 25, É JORNALISTA FORMADO PELA PUCRS E, ATUALMENTE, CURSA O PRIMEIRO SEMESTRE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFRGS, TENDO NO CAMPO ESPORTIVO E FOTOGRAFICO DUAS DE SUAS PRINCIPAIS PAIXÕES.



Torcedores acompanham partida beneficente que teve participação de ex-atletas do Grêmio, com renda revertida para a APAE de Taquara

Atividade prática na aula de Educação Física, no Colégio Farroupilha

